



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

CURSO DE JORNALISMO

JEFFERSON CÂNDIDO SAMPAIO

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE VISIBILIDADE DA HOMOSSEXUALIDADE:
COLUNA “CENA G” DO JORNAL O POVO DE FORTALEZA CEARÁ

FORTALEZA

2019

JEFFERSON CÂNDIDO SAMPAIO

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE VISIBILIDADE DA HOMOSSEXUALIDADE:
COLUNA “CENA G” DO JORNAL O POVO DE FORTALEZA CEARÁ

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para o título de Bacharel em Jornalismo

Orientador: Prof. Mestre Raimundo Nonato de Lima

FORTALEZA

2019

JEFFERSON CÂNDIDO SAMPAIO

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE VISIBILIDADE DA HOMOSSEXUALIDADE:
COLUNA “CENA G” DO JORNAL O POVO DE FORTALEZA CEARÁ

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para o título de Bacharel
em Jornalismo

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mestre Raimundo Nonato de Lima (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a Maria Érica de Oliveira Lima

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

A minha avó, a meu amado e a minha amiga, Maria de Fátima, Raí Rebouças e Marilene Nascimento, pelo apoio, amor e carinho que sempre tiveram comigo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pois sem ele nada seria possível, sempre esteve ao meu lado em toda a minha trajetória, sempre atendendo a minhas orações, e me dando sabedoria e discernimento para alcançar meus objetivos, assim como colocou no meu caminho pessoas que influenciaram no meu crescimento pessoal, profissional e emocional.

À minha avó, por ser mãe, pai e avó ao mesmo tempo. Por seu apoio, por ter sempre acreditado em mim, desde pequeno, independente do que eu escolhia no decorrer da minha vida. Essa vitória é nossa, agora pode dizer que tem um neto formado pela UFC.

À minha amiga Marilene, pelo apoio emocional e incentivo diário, você foi a pessoa que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida, era e é ainda meu refúgio emotivo, e como costumamos falar, é minha irmã gêmea de alma e não poderia deixar de agradecer a todos os momentos bons que tivemos juntos.

Ao meu querido e amado Raí Rebouças, Deus colocou você no meu caminho, em todos os momentos, bons ou ruins, você esteve ao meu lado, apesar de tão novo, me deu muitos conselhos e serviu de exemplo para muitas conquistas que obtive no decorrer dessa caminhada, era você que estava presente comigo desde quando fiz a transferência para UFC, assim como no dia que fomos efetivar o processo de vaga e acabei sendo furtado perdendo todos os documentos. Você é mais do que um namorado, és meu amigo, és minha família, com você todo dia se torna sexta-feira. Você é um excelente companheiro, agradeço pelo amor, paciência e dedicação que sempre teve comigo.

À Universidade Federal do Ceará e todos os professores que a compõe, por ser o instrumento que possibilitou a concretização de um sonho e pela oportunidade única de conhecimento e experiência a mim disponibilizados.

Ao Prof. Mestre Nonato Lima, por ter aceitado me orientar, que além de ser orientador, se tornou meu pai acadêmico, espero poder levar sua amizade no decorrer da vida com muita prosa acompanhada de café e risos.

Aos professores, Prof^a. Dr^a Maria Érika e Prof. Dr. Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa, por aceitarem fazer parte da minha banca avaliadora, mesmo ambos tendo o tempo extremamente atribulado, assim como terem me apoiado na concretização deste ciclo.

A todos os meus colegas de graduação, profissão e vida que me acompanharam nessa trajetória tão importante, muito obrigado pelas batalhas diárias, estágios, trabalhos, avaliações, comemorações e por sempre me incentivarem a ser alguém melhor.

Agradeço a todos que de alguma forma colaboraram com a realização deste trabalho!

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

“Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa.”

(Michel Foucault)

RESUMO

A coluna Cena G do jornal O Povo de Fortaleza/Ceará, assinada pelo jornalista Émerson Maranhão dedica-se a divulgar assuntos direcionados ao público LGBTI+, mesclando em seus textos temas como entretenimento, política, expectativas, depoimentos de pessoas. Este trabalho buscou entender como seu conteúdo trata de eventos e festas, combate o preconceito, transmissão de informações e também como lida com a LGBTI+fobia. A metodologia utilizada é a análise do conteúdo e baseou-se principalmente em Laurence Bardin (1977) numa perspectiva qualitativa. Objetiva-se, ainda, analisar como os textos jornalísticos, conforme o cenário contemporâneo, se apresentam ao público LGBTI+ em relação a preconceito, visibilidade, possibilidades e principalmente o lugar desse público na sociedade como cidadãos, com direitos e deveres. O período de análise vai de junho a outubro de 2018, incluindo o período que antecedeu a campanha pelas eleições no Brasil e finaliza antes do segundo turno.

Palavras-chave: LGBTI+. Coluna Cena G. Jornal o Povo. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

The column G Scene of the newspaper O Povo of Fortaleza-CE signed by the journalist Émerson Maranhão is dedicated to divulging subjects directed to the LGBTI public + mixing in their texts, themes like entertainment, politics, expectations, testimonials of people. This work sought to understand how its content deals with events and parties, combating prejudice, information transmission and also how it deals with LGBTI + phobia. The methodology used is the analysis of the content and was based mainly on Laurence Bardin (1977) in a qualitative perspective. It also aims to analyze how the journalistic texts, according to the contemporary scenario, are presented to the public LGBTI + in relation to prejudice, visibility, possibilities and especially the place of this public in society as citizens, with rights and duties. The period of analysis is from June to October 2018, including the period leading up to the election campaign in Brazil and ending before the second round.

Keywords: LGBTI +. G. Scene Column Newspaper the People. Content analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 JORNALISMO, PAPEL SOCIAL DA NOTÍCIA E IMPRENSA GAY	14
1.1 História da imprensa gay no Brasil.....	15
1.2 Discussão do assunto – o Blog do Maranhão/Cena G.....	21
2 OS CONCEITOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE	25
2.1 - Identidade e expressão de gênero.....	25
2.1.1 Prática, discussão, conceitos.....	26
2.1.2 Sexo, orientação sexual e expressão	26
2.1.3 LGBTI+ sua abrangência e significados	27
3 ANÁLISE DA COLUNA CENA G.....	29
3.1 Principais pautas da coluna Cena G	32
3.1.1 Entretenimento.....	32
3.1.2 Combate ao preconceito	34
3.1.3 Cunho pedagógico.....	36
3.1.4 LGBTI+fobia.....	38
3.1.4.1 Mensagem como tradução da realidade.....	42
3.1.4.2 Expressão do jornalista sobre os avanços conquistados para os LGBTI+	44
3.1.4.3 Reprodução da realidade e expectativa do futuro	44
3.1.4.4 A possível normalidade entre as diferenças	45
3.1.4.5 Sociedade conservadora versus grupo LGBTI+	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

As pautas LGBTI+¹ têm se ampliado no Brasil, abrangendo os campos social, político e legislativo, que afetam diretamente a produção de notícias sobre o grupo (DIREITO, 2018). Tais matérias divulgadas pela mídia segmentada, estão vinculadas a outras iniciativas que se complementam, como, por exemplo, casas noturnas, filmes com a temática, viagens, literatura, entre outros. Abrem-se vários canais de informação especializada que ampliam as possibilidades de essa comunidade se comunicar indo além das situações de discriminação e exclusão a que estavam restritos. Assim, a segmentação midiática contempla a imprensa gay, que passa a atuar para proporcionar visibilidade, levantar as questões políticas, sociais até então não discutidas de forma adequada. É em relação a produção jornalística especializada que este trabalho tem como escopo, especificamente a coluna CENA G, do jornalista Émerson Maranhão, que desde o ano de 2005 apresenta-se nas versões impressa do jornal O POVO de Fortaleza no estado do Ceará e na versão digital em forma de Blog. Ao completar 15 anos ininterruptos de publicação periódica, o jornalista apresenta matérias sobre diversos assuntos e fatos relacionados com a cultura, eventos sociais, lutas e conquistas. Neste período, tem enfrentado a intolerância, o desconhecimento e a homofobia, pautado em notícias sobre os LGBTI+, suas conquistas e possibilidades. Como reforço para que esta luta seja considerada válida, Louro (2001) explica que simultaneamente às lutas contra o preconceito, diminuindo a rejeição às diferenças, existem também os conservadores que se opõem de forma radical às diferenças e à evolução do pensamento sobre a diversidade.

Ao optar por esta pesquisa, que contempla a análise do conteúdo da coluna CENA G, o objetivo é o de fortalecer a posição de que os meios de comunicação possuem uma importante parcela de responsabilidade na construção das representações dos LGBTI+ e do respeito a sua orientação sexual e estilo de vida. A escolha também se deu por ser veiculada em um jornal de Fortaleza, onde este trabalho é desenvolvido e que permite o acesso as suas edições impressa e internet.

1 Lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexual e com o símbolo “+” acrescentado para representar e abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero de acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+ (REIS, 2018).

Ao longo dos quase quatro anos de curso de jornalismo, muitas indagações surgiram sobre a verdadeira responsabilidade do jornalista no cenário atual, que inclui a tentativa de quebra de paradigmas, de estabelecer novas visões para a sociedade e de divulgar o que realmente acontece nas mais diversas camadas da sociedade. Tais reflexões foram provocados pela compreensão de que este profissional deve despir-se de preconceitos e entender que seu papel é estar apto a abrir caminhos para uma sociedade com menos preconceitos e mais conhecimento de si mesma.

Neste aprendizado, o estudante vê-se diante de vários questionamentos, entre eles destacam-se: qual o nível de influência do profissional de jornalismo ao divulgar assuntos polêmicos? Como este seleciona o que deve ou não ser notícia de acordo com a linha editorial da empresa em que exerce sua profissão? E mais, pode o jornalista ousar e levar para coluna, editorial ou mesmo seção pela qual é responsável assuntos até então pouco ou nunca abordados?

Em busca de respostas para estas e outras questões a metodologia utilizada neste trabalho será a da análise de conteúdo, com interpretação das mensagens transmitidas na coluna voltada para o público LGBTI+.

Na análise do conteúdo, baseada nos trabalhos de Laurence Bardin serão estudados os temas e fatos que esta coluna propõe como resposta aos desafios vividos pela comunidade LGBTI+ ao longo de seus 15 anos de publicação. Para dar conta deste objetivo realizamos pesquisa bibliográfica em trabalhos acadêmicos (plataformas *on-line*), publicações e revistas com artigos pertinentes.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar a coluna CENA G como uma das vozes do movimento LGBTI+ e sua imensa diversidade em um meio jornalístico tradicional. Busca-se ainda cumprir o objetivo específico de: analisar a linguagem utilizada; descrever a diversidade apresentada; e, discutir a representatividade LGBTI+ nas matérias. Foi realizada uma pesquisa para um prévio embasamento sobre jornalismo, webjornalismo, imprensa gay e a construção das notícias para um melhor entendimento do objeto a ser estudado: a coluna Cena G.

O trabalho discute também gênero, sexualidade e poder, já que este conhecimento torna-se necessário para a análise. Os tópicos abordados serão: identidade e expressão de gênero; heteronormatividade e os estudos *queer*; sexo e orientação sexual.

Ao final apresenta-se a análise do conteúdo da coluna CENA G, incluindo dados biográficos sobre o jornalista, assim como explica-se como foi selecionado e

organizado o material, culminando com análises das categorias definidas, para compreensão sobre como o preconceito é combatido e se há uma dimensão pedagógica perceptível no modo como a temática é abordada.

1 JORNALISMO, PAPEL SOCIAL DA NOTÍCIA E IMPRENSA GAY

As notícias têm uma força que lhe é conferida principalmente pelo papel e a influência que elas exercem durante a sua divulgação na sociedade. Segundo Sousa (2000), a notícia pode ser compreendida como um artefato linguístico que transmite determinados relatos da realidade, mas que é influenciada por fatores ou experiências pessoais, sociais, ideológicos, históricos e aspectos físicos e tecnológicos, e a sua disseminação pelos meios de comunicação deve ser entendida no contexto histórico e sociocultural do momento em que é elaborada e publicada.

[...] os meios de comunicação, nos quais se incluem os meios jornalísticos, são a principal fonte de informação que a sociedade tem sobre si mesma. São também os meios de comunicação os agentes mais relevantes para pôr em contacto os múltiplos subsistemas sociais. Assim, as pessoas, os grupos, as organizações e a sociedade em geral dependem dos meios de comunicação para se manterem informados e para receberem orientações relevantes para a vida quotidiana. (SOUSA, 2018, n.p.)

A força que as notícias exercem sobre a sociedade pode ser entendida como a influência sobre o seu receptor, as fontes onde são originadas, incluindo neste caso os fatores pessoais, organizacionais (sociais, por exemplo), ideológicos, culturais, históricos, do meio em que se apresenta e atualmente, dos dispositivos tecnológicos em que são disseminadas.

De acordo com Casasús e Ladevéze (1991), apesar de toda a evolução do jornalismo, suas técnicas mantêm-se vinculadas às suas raízes históricas. A narrativa final permanece como as primeiras apresentadas ao longo da história, embutindo regras de produção e valores sociais. Desse modo, uma análise de produtos jornalísticos sobre temas como os relacionados ao público LGBTI+ e as possibilidades de abordagens transformadoras pelos meios de comunicação precisa levar em consideração esses aspectos

A história da imprensa direcionada ao público gay tem um passado recente nos meios de comunicação brasileiros. A construção deste segmento passa por constantes modificações, que incluem caminhos tortuosos e repletos de obstáculos em razão de que este conteúdo, para ser reproduzido, tem como desafios os limites econômicos, perseguições pelos mais variados motivos e as pressões sociais (Péret, 2012).

Constitui sua principal missão ser o porta-voz dos LGBTI+, sendo estes tanto produtores quanto consumidores dos produtos jornalísticos veiculados em sua evolução para o que se apresenta na atualidade, este segmento teve de se insubordinar aos preceitos tradicionais da comunicação no país com coragem e determinação abordando temas da cultura ao lazer até conseguirem chegar a temas relevantes socialmente, como a militância e os direitos humanos (NONATO, 2013). É o que igualmente expressa de um modo mais detalhado Gonçalves (2010).

Tendo em vista todo o percurso dos veículos da mídia imprensa gay no Brasil é impossível não destacar sua atuação valorosa nas questões de afirmação e de uma visibilidade de valores e direitos de sujeitos antes marginalizados. Além de seu papel na fundação e solidificação dos grupos gays pelo Brasil e a capacidade de expandir uma cultura homossexual, fatos que demonstram a força social do jornalismo como narrador que propaga ou fragmenta discursos sócio históricos. Sendo que lutas foram realizadas por meio de confrontos de discursos e estruturas de poder. (GONÇALVES, 2010, p. 11)

Atualmente, o objetivo dos periódicos e veículos que também estão ancorados na internet é o de afirmar e promover a liberdade de expressão para os LGBTI+ por meio da resistência e da quebra da hegemonia apresentada nos meios de comunicação tradicionais (GONÇALVES, 2010).

De acordo com Sousa (2018) seja na imprensa tradicional ou especializada, é preciso entender que os efeitos da notícia tornam-se referência da realidade e integram a formação da imagem utilizada pelos sujeitos, possibilitando alterar a interação perceptiva, cognitiva e até afetiva, independentemente de a imprensa tradicional propor ou não novos caminhos para a divulgação de assuntos considerados polêmicos ou tabu.

1.1 História da imprensa gay no Brasil

É no século XX que a imprensa no Brasil inicia sua diversificação, de acordo com Rodrigues (2007) para atender públicos com diferentes interesses, e entre estes leitores estão os que passaram por algum tipo de discriminação, mas que ganharam mais visibilidade social. Entre eles está o grupo LGBTI+, que precisa ser aceito, respeitado e ter seu espaço em todos os setores sociais, mas que só passa a ter sua voz ouvida a partir da década de 1960 no país.

A imprensa gay no Brasil, como no mundo, surge da necessidade que uma parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis.

[...] aqui no Brasil os primeiros jornais só apareceram na década de 1960. Durante as décadas de 1940 e 1950 as revistas voltadas para o fisiculturismo e as que incentivavam o naturismo como opção de vida povoavam o imaginário dos homossexuais masculinos. Estas revistas estampavam várias fotos de homens seminus ou nus em suas páginas. Por muito tempo estas revistas foram objeto de desejo de muitos homossexuais. Apesar de fazer parte da cobiça dos gays, eram direcionadas para este público. De acordo com o jornal *Lampião da Esquina*, no início da década de 60 surgiram as primeiras publicações dirigidas para o público homossexual. (RODRIGUES, 2007, p. 55)

Ainda neste período, houve a iniciativa para a fundação da ABIG¹ em razão do grande número de publicações voltadas para o público LGBTI+, que precisava se firmar como uma forma de jornalismo especializado em um segmento da população. Em meio à turbulência do Golpe Militar de 1964, a associação foi extinta, mas os jornais prosseguiram, às vezes, de forma artesanal, reproduzidos por mimeógrafos, continuaram sendo publicados até como uma forma de resistência (RODRIGUES, 2007).

Na década de 1960, no Rio de Janeiro, surgiram várias publicações ainda com circulação restrita, mas se tornaram, para a época, representantes dos LGBTI+, com diversos títulos, como *Snob* e *Lampião*², que tiveram destaque especial por sua importância no cenário da imprensa gay no país.

Como na figura (ANEXO 9), estas publicações já ousavam não somente nos temas abordados e ao público que se direcionavam como também apresentavam ilustrações que não eram comuns à época.

O *Snob* é considerado a primeira publicação abertamente homoerótica, apesar de ser feita de forma artesanal, datilografada, com reprodução por mimeógrafo e sua distribuição ser realizada pelo próprio idealizador, Agildo Guimarães. A publicação circulou de 1963 a 1969 e tinha um projeto editorial definido com as colunas de fofoca, concursos de poesias e contos, moda, beleza, saúde, entrevistas, passatempos e reportagens de interesse da comunidade LGBTI+ (PÉRET, 2011).

1 ABIG, Associação Brasileira de Imprensa Gay (1962-1964).

2 Outros títulos que circularam na época: *Le Femme*, *Subúrbio à Noite*, *Gente Gay*, *Aliança de Ativistas Homossexuais*, *Eros*, *La Saison*, *O Centauro*, *O Vic*, *O Grupo*, *Darling*, *Gay Press Magazin*, *20 de Abril*, *O Centro*, *Os Felinos*, *Opinião*, *O Mito*, *Le Sophistique*, *O Gay*, *O Gay Society*, *O Tiranhinho*, *Fatos e fofocas*, *Baby Zéfiro*, *Little Darling* e *Ello* distribuídos por vários estados do país. (RODRIGUES, 2007)

A sua linguagem era irreverente e também envolta em ironia e sarcasmo, e, segundo Green (2000, p. 145), o conteúdo era “recheado de fofocas, humor exagerado e autoafirmação”. O autor entende que O Snob foi fundamental para a melhoria das relações sociais entre os LGBTI+ na época, e popularizou gírias e o vocabulário que estavam restritos aos guetos e eram considerados específicos do universo homoafetivo. Exemplo é a matéria intitulada “Dez mandamentos da Bicha”, edição nº 12/1964:

- 1 – Amar a todos os homens
- 2 – Nunca ficar com um só
- 3 – Beijar todos os bofes
- 4 – Evitar falar no futuro
- 5 – Quanto mais intimidade na cama melhor
- 6 – Fingir sempre que ama um só
- 7 – Nunca esquecer os homens casados
- 8 – Evitar falar de dinheiro
- 9 – Não querer as mariconas
- 10 – Casar só por uma hora. (Green, 2000, p.190)

A publicação encerrou suas atividades em 1969, em pleno regime militar e num dos momentos históricos de maior repressão deste período, apesar de ter iniciado o ano com um editorial esperançoso:

1969 parece ser o ano das novidades, pelo menos para nós, de O Snob (...). Iniciamos com um jornal mais adulto onde as crônicas, poesias, artigos de real interesse, contos e colunas sociais sadias, sem fofquinhas, aliás, abandonadas há muito por nossos colonistas. (...) Estamos próximos do século XXI, a dois passos da lua e não podemos permitir que nossa mente fantasiosa estacione desde há 100 anos. (GREEN, 2000, p.194)

O Snob, por seu pioneirismo, em um período em que poderia ser intimidado pelo regime político vigente no país, resistiu até que, com o endurecimento das perseguições a grupos diversos, resolveu encerrar suas atividades e assim também concluir a história de uma publicação que abriu o caminho para outras ao longo do tempo por sua ousadia em estabelecer uma ressignificação da identidade e dos valores da diversidade quando ainda não havia visibilidade para os LGBTI+.

O Lampião, que teve sua primeira edição quase dez anos depois do encerramento da circulação de “O Snob”, também exerceu papel importante na divulgação e discussão dos LGBTI+ e se tornou o primeiro jornal do segmento com que atingia um público maior em número e em diversidade, já que se apresentava com uma linha editorial que abordava ainda assuntos como direito das mulheres, meio ambiente e racismo, conforme está especificado no editorial da sua edição de número zero:

Lampião reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. (...) Nós pretendemos também ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas. (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p.2)

Depreende-se do discurso do primeiro editorial que não só a questão da homossexualidade será tema das próximas edições, mas outras minorias terão voz nas páginas do Lampião, assim podendo ao longo do tempo implementar a desmistificação dos estereótipos fortalecidos pelo preconceito, gerados pela falta de conhecimento e informação da verdadeira situação de cada grupo, segregado em guetos sociais. (ADORNO, 2002)

Este editorial, após leitura mais atenta, pode ser sentido com palavras por vezes em tom irreverente, que mesmo sob forte repressão política da época, o jornal se posicionou contra as fronteiras construídas que impunham aos “diferentes” uma certa clandestinidade, como pode ser autenticado no editorial completo que é apresentado na reprodução da página do jornal. (ANEXO 12)

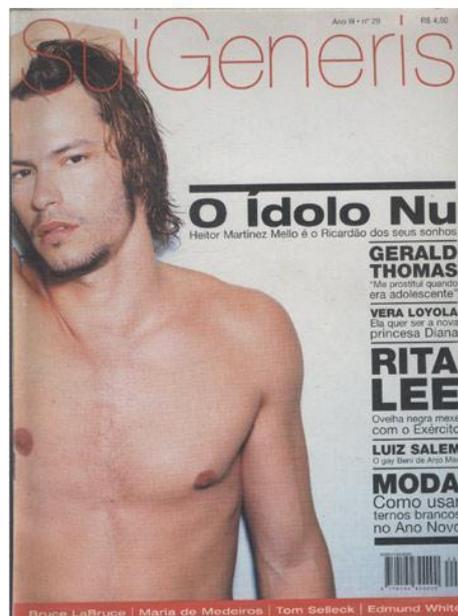
O expediente também mostra todos os envolvidos na iniciativa que se tornaria um grande marco na imprensa gay e da defesa das minorias no país no final da década de 1970 e início dos anos de 1980.

De acordo com Fry & MacRae (1985) o jornal de “grande importância, na medida que aborda sistematicamente, de forma positiva e não pejorativa, a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existenciais e culturais” parou de circular

em 1982, na sua 33ª edição, deixando uma significativa lacuna na imprensa alternativa brasileira.

Arias e Amaral (2016), enfatizam que com o surgimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), grupos de apoio ou militantes iniciaram a produção de publicações³ que buscassem esclarecer sobre a síndrome, sua prevenção e principalmente a disseminação da informação verdadeira. Santos e Veloso (2010) destacam que na década de 1990, várias publicações foram lançadas, entre elas: Revista Sui Generis.

Figura 1 - Capa Revista Sui Generis



Fonte: Fac-símile – Ano III – Nº 29 – 1997

A Sui Generis (1995-2000) é a primeira revista genuinamente dedicada a esta temática que tratava outros assuntos e não apenas erotismo ou pornografia, e com inovações em sua linha editorial, principalmente em relação ao marketing direcionado ao público LGBTI+. Já a Revista Homens (1997-2004 - Editora: Projeto Suingers), nasce como opção erótica à revista Sui Generis. Bananaloca (1997), da Fractal Edições, com conteúdo erótico, e ao longo do tempo se transformou na G Magazine, cuja linha editorial começou com apelo ao erotismo, evoluindo em seguida

3 Exemplos: Informativo Pela Vidda (Grupo Gestos); Saber Viver (1999); Nós por Exemplo (1991); e, Grito de Alerta (1994) (ARIAS E AMARAL, 2016).

para publicação de matérias dos mais variados interesses. Registre-se também o surgimento das Revistas Junior e DOM – De Outro Modo (2007) e Aimé – Primo interpares (2008) que completam os destaques à imprensa gay no início do século XXI. O discurso dessas publicações pode ser melhor compreendido nos compromissos expressos neste trecho da revista DOM:

Queremos que todos, gays, lésbicas em todas as suas variantes, simpatizantes ou simplesmente humanos (afinal, gays são parte natural da paisagem humana e não “um ponto fora da curva”), sintam-se à vontade por aqui, enxergando nessas páginas um universo não de estranhamento, mas de encantamento, não de apartes, mas de encontros. (DOM, 2007, p. 8)

As revistas voltadas para o público LGBTI+ iniciaram o século XXI fortalecidas pela aceitação por seu público específico e pelo jornalismo impulsionado pela internet. Assim, proporcionam mais visibilidade ao tema. E esta visibilidade que se apresentou nestas publicações não se restringe ao campo visual em que estão inseridas os aspectos espaciais e temporais do momento, mas sim formando-se a partir de um molde formado por aspectos sociais e técnicos que influem diretamente neste quesito (THOMPSON, 2008).

Ao ser questionado sobre o porquê do espaço cedido pelo jornal O Povo de Fortaleza ter disponibilizado o espaço para uma Coluna especializada em públicos LGBTI+, Emerson Maranhão explica as razões que se analisadas, vão de encontro à visibilidade que o tema tem desenvolvido ao longo da história.

Definitivamente, eram outros os tempos nos primeiros anos da Cena G. Apesar da maioria dos direitos para pessoas LGBT ainda serem um sonho distante e motivo de luta cotidiana, havia um clima muito maior de respeito e tolerância na sociedade. Tanto que são da mesma época colunas congêneres em alguns dos maiores jornais do País, como na Folha de S. Paulo (escrita por André Fischer e Vange Leonel) e no O Globo (escrita pelo Ronald Villardo, salvo engano). Apesar de diferentes na forma, as três colunas partiam da mesma premissa e tinham postura editorial similar. Isso tudo para dizer que não houve resistência da direção do jornal à proposta. Aliás, a publicação da coluna só foi possível porque bancada pela direção da casa, que viu na iniciativa uma oportunidade.

Há outro indício forte de que existia uma grande demanda por este tipo de serviço editorial de nicho. A segunda metade da primeira década dos 2000 viu surgir no Brasil um forte mercado editorial de revistas voltadas para o público homossexual. E, assim como era com a Cena G, principalmente o público homossexual masculino. São desta época as revistas Junior e DOM (De Outro Modo), ambas lançada em 2007, e Aimé, lançada em 2008, e posteriormente a H Magazine (2012), direcionada para “gays maduros”. É necessário ressaltar que estas publicações não tinham conteúdo sexual

explícito nem nudez. Eram revistas de circulação nacional, com conteúdo editorial, tanto analítico quanto informativo.

Historicamente, é possível traçar um paralelo entre estes quatro títulos, a coluna e a revista *Sui Generis*, lançada em 1994, e uma das mais fortes influências na gênese editorial da *Cena G* e no espírito pretendido desde cedo para a coluna.

Em tempo, e a título de registro, também surge nesta época a *Via G*, revista de turismo voltada para o público gay. É a única que sobrevive em edição física até hoje. (ANEXO 14)

1.2 Discussão do assunto – o Blog do Maranhão/Cena G

Pinho (2003) destaca que com o advento da internet no país, no início da década de 1990, as empresas, principalmente as jornalísticas, passam a utilizar este canal de comunicação direta com seu público que tem acesso 24 horas por dia às informações veiculadas. Em 1995, o *Jornal do Brasil* inaugura o jornalismo brasileiro na internet:

(...) Como não víamos escalabilidade no SIN, tomei a decisão, e o jornal apoiou, de simplesmente transferir a estrutura do SIN para a edição web. Assim nasceu o jornalismo on-line brasileiro – ao contrário dos EUA e de praticamente todos os países do mundo, ele nasceu com repórteres, com conteúdo original, com o que ia estar no jornal amanhã e não com o que estava no jornal de ontem.

Lançamos o *JB Online* oficialmente num domingo, no início de maio de 1995 (*O Charlab* tinha começado em fevereiro), com uma grande chamada de primeira página na edição impressa que teve enorme repercussão, elevou a moral do jornal. (PRADO, 2011, p. 21-22)

O jornalismo na internet tem suas peculiaridades que precisam ser entendidas e aplicadas, pois não se trata mais de uma forma de comunicação linearmente. Uma nova relação do jornalismo com seu público leitor surge e oferece a possibilidade de acesso a informações, muitas vezes de forma instantânea. Esta forma de realização do jornalismo assume características específicas conforme descrevemos a seguir:

Quadro 1: Principais características do jornalismo on-line

Característica	Descrição
Multimedialidade/ Convergência	Refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação

	e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade.
Interatividade	Capacidade de fazer com que o leitor sinta-se parte do processo jornalístico: pela troca de e-mails entre leitores e jornalistas; possibilidade de comentários; o hipertexto pode ser classificada como uma situação interativa. Esta interatividade passa por relações com a máquina em si, com a publicação (hipertexto), outros leitores ou autores.
Hipertextualidade	Ligação externa do texto com links que levam a outras leituras ou informações, que podem complementar a leitura ou levar a outros sites que abordam o assunto.
Customização do Conteúdo	Recurso que permite ao leitor a personalizar a sua leitura, escolhendo os temas de seu interesse para sejam destaque quando seu acesso às matérias. Possibilidade de escolha de temas, hierarquia de visualização possibilitando que suas preferências estejam sempre em destaque.
Memória	Jornalismo online permite a consulta imediata aos arquivos de notícias, ou seja, toda informação um dia disponibilizada, estará necessariamente em algum lugar com acesso para possíveis consultas quando necessário ou desejável.
Instantaneidade/ Atualização Contínua	Facilidade de produção e rapidez do acesso traduzem na agilidade em que notícia pode ser veiculada e recebida pelo leitor. O que proporciona que se acompanhe os fatos quase que de forma imediata ou as vezes até mesmo no momento em que acontecem.

Fonte: Adaptação (PALÁCIOS, 2003)

Buscou-se compreender as características do webjornalismo ao lado dos meios impressos tradicionais porque este estudo tem por objeto de análise uma publicação que se realiza tanto em suporte convencional quanto na internet. Santos e Veloso (2010) afirmam que a imprensa alternativa, segmentada para o público LGBTI+, demonstra uma permanente necessidade de tornar-se representante de sua cultura e que ao longo da história, revela diversas etapas, como erudição e pornografia, por exemplo, atingindo também outros grupos sociais. Os autores descrevem a representatividade destas iniciativas como a voz de uma comunidade que assim pode divulgar suas conquistas ao longo de uma história de opressão e clandestinidade.

Houve a época do colonismo social, onde se buscava aparecer na mídia e ganhar destaque, mesmo que de forma mais restrita. Passou pelos momentos de afirmação da identidade gay, onde se procurava uma reafirmação do orgulho desses grupos, sem a necessidade do apelo erótico. Na explosão da publicação pornográfica se percebe uma erotização da linguagem jornalística dessa mídia alternativa, que dominou por bastante tempo e que vai sendo acordada aos poucos para uma nova linguagem que, de forma mais sutil, pressupõe mais respeito à classe dos gays. Através de um jornalismo mais culto o público gay experimenta outra visibilidade perante a sociedade. Busca-se a extinção de estereótipos que afirmam o homossexual como o sujeito fútil e fanático por pornografia, que dá lugar à imagem do gay moderno que entende sobre artes, cultura e finanças. (SANTOS E VELOSO, 2010, p. 9)

Em 2005, surge a coluna Cena G do jornal O Povo de Fortaleza, com objetivo de romper tabus e enfrentar resistências à temática LGBTI+, sendo publicada tanto em um espaço virtual, quanto na versão impressa do periódico. Segundo Vasconcelos *et al* (2017), as matérias da coluna proporcionam a reflexão e divulgação da diversidade sexual em um veículo de comunicação considerado tradicional e sua importância se deve à superação de limites impostos à divulgação ou presença de LGBTI+ nos meios de comunicação.

Cena G nasce dentro do O jornal O Povo, o mais antigo em circulação no Ceará, editado em Fortaleza chega às bancas desde o ano de 1928, vencedor de vários prêmios de Jornalismo ao longo de sua história manteve-se sempre fiel a um discurso pluralista universal da comunicação e de abertura as minorias. (VASCONCELOS et al., 2017, p 2)

A coluna Cena G é editada pelo jornalista Émerson Maranhão há mais de dez anos, sem interrupção, e aborda os mais diferentes temas e fatos relacionados com os anseios e lutas da comunidade LGBTI+. A coluna surgiu em 2005 para divulgar notícias do universo gay em Fortaleza e outras regiões do Nordeste.

Desde outubro de 2005 escreve e edita a Cena G, uma coluna semanal com caráter informativo e reflexivo, voltada para o público LGBT, considerada a mais conceituada em jornais de grande circulação no Nordeste, e uma das pioneiras e mais longevas no país. (ANEXO 11)

Nas próprias palavras do jornalista Emerson Maranhão, em entrevista ao pesquisador, o detalhamento do escopo da coluna e seus objetivos, principalmente no tocante uma possível “homonormatividade” no tratamento à questão “Gay, Lésbicas e Simpatizantes” (GLS), terminologia e siglas utilizadas à época.

Cena G foi criada em 2005 como um espaço editorial específico para abordagem direta de assuntos relativos à homossexualidade. Seu diferencial, já na primeira edição, foi o uso de uma perspectiva inclusiva e não de um olhar externo para o tema. Ou seja, Cena G já nasce como uma coluna escrita por gays para o público gay. Só lembrando que, à época, não se usava a sigla LGBTQI+. Inclusive quando a coluna começou a circular a sigla oficial da militância pela causa ainda era GLBT e GLS era a sigla corrente para sinalizar o mercado destinado a essa parcela de consumidores. Voltando ao objetivo da criação da coluna, a ideia era estabelecer um canal de comunicação, em nível local, que tanto informasse quanto debatesse questões da homossexualidade, a partir de um olhar “homonormalizador”, digamos assim. Explico, nas páginas da Cena G, a homossexualidade era (e é) tratada sob a perspectiva do ordinário, não do extraordinário comum na imprensa nacional da época. (ANEXO 14)

De acordo com jornalista, em seus textos, a linha editorial trouxe surpresa a muitos leitores, incluindo os que são simpáticos à causa já que “a homossexualidade é abordada dentro da normalidade, e não como algo fora de padrão” (ANEXO 14).

Antes de empreender a análise da coluna Cena G serão esclarecidos, no próximo capítulo, os conceitos e relações entre sexualidade, gênero e poder na sociedade.

2 OS CONCEITOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

2.1 - Identidade e expressão de gênero

A identidade de gênero é a compreensão que a pessoa tem a respeito dela mesma, feminino, masculino ou ambos e tem relação com sua forma de se apresentar no meio social em que vive (O MINISTÉRIO PÚBLICO, 2017).

Já a expressão de gênero é como a pessoa se apresenta publicamente, pelo nome que deseja ser chamada, as roupas que utiliza, os comportamentos corporais, a entonação de voz e sua interação com as outras pessoas. A expressão de gênero não precisa necessariamente corresponder ao sexo biológico da pessoa (GLAAD, 2016).

No quadro a seguir, a explicação sobre as diversas categorias de gênero que as pessoas apresentam e que independem do sexo biológico ao qual pertencem.

Quadro 2: Conceitos de Identidade de Gênero

Gênero	Descrição
Cisgêneras	São as pessoas que possuem uma identidade de gênero correspondente ao sexo biológico. Um homem é cisgênero se seu sexo biológico e sua identidade de gênero forem masculinas, independentemente da orientação sexual que tenha, homossexual ou heterossexual. Ou seja, há homens e mulheres cisgêneras homossexuais, heterossexuais e bissexuais.
Transgêneras	É a expressão “guarda-chuva” utilizada para designar as pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente daquela correspondente ao sexo biológico. Há transgêneros heterossexuais, bissexuais e homossexuais. Neste último caso, a orientação sexual da pessoa transgênera é dirigida para alguém com a mesma identidade de gênero, mas de sexo biológico diferente.
Transexuais	No caso das transexuais costuma-se simplificar a situação dizendo que a pessoa nasceu com a “cabeça de mulher em um corpo masculino” (ou vice-versa). Por isso, muitas e muitos transexuais necessitam de acompanhamento de saúde para a realização de modificações corporais por meio de terapias hormonais e intervenções cirúrgicas, com o intuito de adequar o físico à identidade de gênero. É importante ressaltar, porém, que não é obrigatório e nem todas as transexuais desejam se submeter a procedimentos médicos, sobretudo aqueles de natureza invasiva ou mutiladora, não havendo nenhum tipo de condição específica ou forma corporal exigidas para o reconhecimento jurídico da identidade transexual.
Travestis	São travestis as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não gênero. É importante ressaltar que travestis, independentemente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultuoso serem adjetivadas no masculino: as travestis, sim; os travestis, não.
Crossdressers	São pessoas que usam vestimentas ou adereços que, por convenção, são atribuídos a gênero diverso do seu. Buscam, com isso, vivenciar diferentes papéis de gênero. Em geral, não fazem modificações corporais. Também, em regra, não estruturam uma identidade transexual ou travesti.

Fonte: O Ministério Público e os direitos de LGBT (O MINISTÉRIO PÚBLICO, 2017).

2.1.1 Prática, discussão, conceitos

A heteronormatividade pode ser considerada uma atitude discriminatória em relação aos LGBTI+, uma vez que designa que o normal é possuir a orientação sexual de acordo com o sexo de nascimento.

A heteronormatividade é uma expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual. Esse padrão de comportamento é condizente com a ideia de que o padrão heterossexual de conduta é o único válido socialmente e que não seguir essa postura social e cultural coloca o cidadão em desvantagem perante o restante da sociedade. (BENTO, 2008, p. 40).

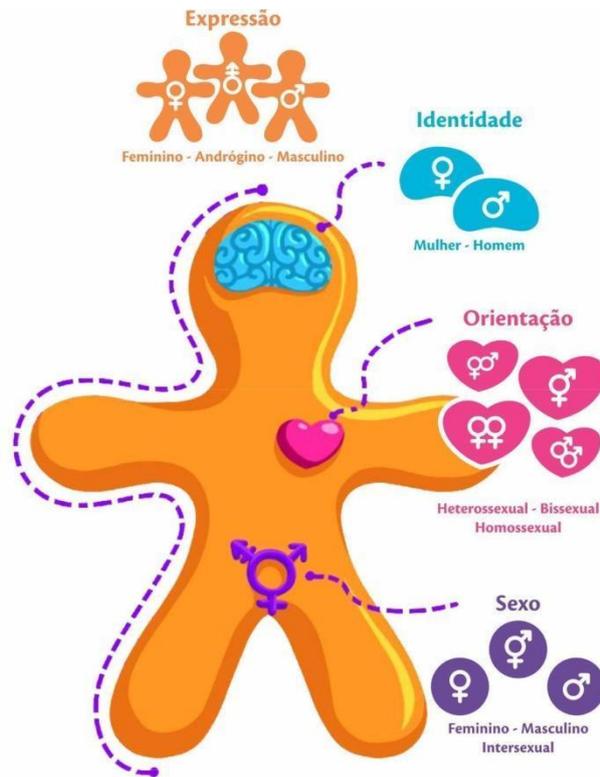
Já a questão *Queer* é um neologismo aos que possuem uma orientação sexual não exclusivamente heterossexual e também possuem outras orientações sexuais, mas não querem ser rotuladas, como lésbica, gay ou bissexual por exemplo, já que entendem que isto limitaria a vivência de sua sexualidade. Na sigla LGBTI+, quando acrescido o “Q” pode tanto significar *Queer* quanto *questioning* quando há um questionamento a respeito da definição do gênero que a pessoa assume (GLAAD, 2016).

2.1.2 Sexo, orientação sexual e expressão

O que se entende, por exemplo, no caso de expressão de gênero é a forma como a pessoa se sente em relação ao gênero feminino ou masculino, independente de seu sexo biológico, que pode ser a forma masculina, feminina ou andrógina, a convergência das duas identidades.

O cérebro comanda o gênero, as identidades feminina e masculina, que às vezes podem ser negados por pessoas que se intitulam agêneras ou mesmo *queer* e dispensam a visão binária de definição sexual. Na questão da orientação sexual, é uma atração involuntária que pode ser por pessoas tanto do mesmo gênero, ou diferente ou mesmo atração de diferentes formas das já descritas. E, a definição de sexo biológico, aquele com qual a pessoa nasce fisiologicamente formada, que pode ser feminino (com vagina, útero etc.), masculino (pênis, testículos etc.) e também intersexual quando nasce com ambas as características.

Figura 2: Identidade e expressão de gênero



Fonte: Manual de Comunicação LGBTI+ (REIS, 2018).

2.1.3 LGBTI+ sua abrangência e significados

A sigla LGBTI+ é a terminologia que agrega a população lésbica (L), gay (G), bissexual (B), travesti, transexual (representados pelo T) e intersexual e o sinal de “mais” significando que podem ser acrescidas orientações sexuais, identidades e expressões de gênero ainda não inseridas na sigla.

Lésbica: pessoa identificada pelo gênero feminino que se sente atraída ou mantém relações afetivo-sexuais com pessoas do mesmo gênero.

Gay: pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que se atrai, tem, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo com outras pessoas do gênero masculino (cis ou trans) – Ver Lésbica

Bissexual: é a pessoa que se sente atraída, relaciona-se afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros. O termo “Bi” é o diminutivo para se referir a pessoas bissexuais.

Travesti: não há uma definição única e exata para o conceito de travesti, antes delimitado por pessoas que performavam um gênero diferente do designado ao nascer, mas que não faziam intervenções cirúrgicas que caracterizam oficialmente a transexualidade. Atualmente, o termo travesti adquiriu um teor político de resignificação de termo historicamente tido como pejorativo. Ser travesti é diferente de “estar travestido”: se travestir se resume a vestir roupas e acessórios, enquanto ser travesti é uma identidade de gênero.⁶ Usado para

a pessoa que se identifica com o gênero feminino, sendo o correto dizer “a travesti” e não “o travesti”

Transexual: indivíduos que buscam, de alguma forma, modificações diversas para se sentirem mais confortáveis com sua corporeidade. Pessoas transexuais sentem que seu corpo não está adequado ao que são e querem adequá-lo ao gênero que têm de si. Esta adequação pode se dar, por exemplo, pelo uso de roupas, tratamentos hormonais, ou mesmo, cirurgias. Deve-se evitar o uso do termo de forma aleatória, preferencialmente, deve-se utilizar “mulher transexual” ou “homem transexual”.

Intersexual: pessoa que possui características biológicas que não cabem nas classificações binárias de gênero. Eram designadas, antigamente, como “hermafroditas”, termo que não é mais usado por seu caráter pejorativo. Há várias possibilidades de intersexualidade (genética). (DIREITO E DIVERSIDADE, 2018, p. 5-7)

3 ANÁLISE DA COLUNA CENA G

Esta pesquisa analisa a coluna “Cena G”, publicada no jornal O Povo e no Blog do Maranhão e busca compreender como se comunica com o público LGBTI+ ao tratar de temas de interesse direto desse público, especialmente homofobia e segurança no período pré-eleitoral e eleitoral de 2018 no Brasil, uma vez que a homofobia tornou-se parte de discursos de campanha.

Em razão da natureza da temática abordada, realizou-se uma investigação de natureza qualitativa, levada a cabo por meio da análise documental dos textos publicados na Coluna G, de Émerson Maranhão, em perspectivas contemporâneas que cercam a temática LGBTI+. A análise de conteúdo foi escolhida para o trabalho porque permite uma abordagem metodológica que possibilita um entendimento maior do conteúdo emitido pela mensagem do texto tornando-o uma unidade com possibilidade de várias interpretações.

É de entendimento que a análise de conteúdo não se permite confiar apenas na literalidade do que foi escrito, por isso, tem como escopo a interpretação tendo como meta descobrir o que está implícito ou o que está nas “entrelinhas”. É um trabalho que se difere dos demais porque seus procedimentos estão ligados a aspectos singulares.

Bardin (2016, pp. 49-50) destaca que “a análise de conteúdo leva em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas (índices formais e análise de concorrência) (...). Entende-se que a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades por meio das mensagens”.

O importante de se destacar é que a análise de conteúdo pode ser utilizada para várias vertentes de textos e não ter que seguir uma linha apenas. De acordo com Moraes (MORAES, 1999, p. 3), “os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo”.

De maneira geral, a análise de conteúdo das matérias seguiu o seguinte roteiro:

1) pré-análise: foi constituída pela leitura de todo o conteúdo apresentado na Coluna Cena G denominação leitura flutuante, que trouxe a exata visão do material a ser estudado, permitiu uma primeira impressão e o início da delimitação do material.

2) exploração do material: análise profunda do conteúdo a partir da qual foram identificadas e selecionadas as matérias mais relevantes para o trabalho, posteriormente, definiu-se a categorização dos textos e sua classificação em temas, já que se lida com o estereótipo do público LGBTI+ e, segundo Bardin (1997):

(...) estereótipo é a representação de um objeto (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objetiva, partilhada pelos membros de um grupo social com alguma estabilidade. Corresponde a uma medida de economia na percepção da realidade, visto que uma composição semântica preexistente, geralmente muito concreta e imagética, organizada em redor de alguns elementos simbólicos simples, substitui ou orienta imediatamente a informação objetiva ou a percepção real". (BARDIN, 1997, p. 57)

3) tratamento dos resultados e interpretação: foi realizada a interpretação dos textos dando especial atenção ao texto sobre LGBTIfobia, que é o mais contemporâneo e surgiu como um destaque em relação aos outros textos porque destoa da linguagem e mensagem até então inseridas nos textos da Coluna G.

Os meios de comunicação acabam por ficar no centro de várias disputas, por serem estes que divulgam as realidades, controvérsias, que geram ou não reflexões. Vai-se observar o enquadramento estabelecido no texto do jornalista Émerson Maranhão e seu engajamento e posicionamento na questão LGBTI+, já que os conteúdos produzidos em sua coluna buscam exatamente esse público.

Conforme já foi dito anteriormente, optou-se pela perspectiva teórico-metodológica da análise de conteúdo. Sabe-se que os resultados obtidos não podem ser tomados como prova inelutável, mas constituem uma rica possibilidade de compreensão dos objetivos estudados, suas causas e consequências.

Esta análise temática, conduzida segundo a dimensão das atitudes ou qualidades pessoais valorizadas e desvalorizadas, verifica, portanto, algumas das hipóteses adiantadas intuitivamente. (BARDIN, 1977, pg. 81)

É preciso se ter a ciência de que a análise do conteúdo será sempre baseada no conhecimento e experiência de quem analisa e a realidade ali contida está refletida em suas conclusões. Mesmo assim, para o entendimento geral, esta análise será de grande valia quando fundamentada em fatos históricos, pesquisas, resultados de reflexões de pensadores e registros da realidade.

Assim, para entender o conteúdo a ser analisado é preciso ter conhecimento do ambiente em que está inserido, o contexto em que se apresenta e a finalidade em que foi idealizado. Por estes motivos, cabe ao pesquisador estar preparado para saber qual o seu melhor referencial para então apresentar as conclusões com responsabilidade e o máximo de isenção possível.

Também torna-se fundamental uma definição clara do conteúdo a ser analisado para uma categorização adequada e apta a oferecer conclusões minimamente verificáveis e de relevância científica e social.

Esclarecemos que o corpus a ser analisado é constituído de textos publicados pela coluna semanal Cena G do jornal O Povo, versão online, no período de 6 de junho de 2018 a 11 de novembro do mesmo ano.

Neste período, aconteceram as eleições para Presidência da República, Governadores, Senadores, Deputados Federais e Estaduais, momento em uma onda conservadora aflorou e se mostrou ostensivamente contra a diversidade, sobretudo acirrando posições ligadas a LGBTFobia.

A análise terá ênfase na LGBTI+fobia como temática abordada pela coluna, mas serão discutidas também questões que versam sobre entretenimento, combate ao preconceito, cunho pedagógico ou social com embasamento não somente no que já foi exposto neste trabalho, mas também nos Manuais de Comunicação LGBTI+⁴ e Cartilha do Ministério Público Federal⁵ (principalmente legislação), sempre com aporte metodológico da análise de conteúdo. Tais publicações foram utilizadas como base para o entendimento do conteúdo analisado e também para a utilização de termos corretos quando se referindo ao universo LGBTI+.

4 Este Manual visa apresentar aos meios de comunicação, incluindo jornalistas e estudantes desta área, a terminologia mais atualizada sobre a população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexual (LGBTI+)*, trazendo à discussão temas importantes para o debate nacional e internacional sobre seus direitos.

Tem por objetivo contribuir para diminuir preconceitos e estigmas e colaborar para o melhor entendimento de termos que são recorrentes entre a população LGBTI+, mas que podem não ser usuais no dia a dia de comunicadores(as) e estudantes, a fim de contribuir para um jornalismo mais inclusivo e atento às realidades. (FERDINANDO MARTINS, 2018, p. 7)

5 Cuida-se de um compilado sobre questões relacionadas à polêmica da abordagem de gênero nas escolas, o atual cenário dos registros civis das pessoas transgênero, o uso do nome social, a adoção, questões de saúde, a aplicação da Lei Maria Penha e da abrangência do feminicídio a mulheres trans. O material trata, também, das legislações existentes relacionadas à temática, bem como das principais reivindicações dos grupos LGBTI+, pautados na 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais em 2016. (DIREITO E DIVERSIDADE, 2018, p. 4)

Seguiu-se a divisão das matérias em quatro categorias: a) entretenimento; b) combate ao preconceito; c) cunho pedagógico; d) LGBTI+fobia. Após análise mais ampla das matérias conforme as três primeiras categorias, será feito estudo da questão da LGBTI+fobia. Complementarmente, tendo por base a matéria, “Que as urnas nos esperam”, será avaliada a abordagem da coluna em relação ao momento político-eleitoral do ano de 2018, visto que as matérias se deram tanto nos meses anteriores quanto no momento das eleições. As análises, ressaltamos, serão realizadas, não de forma quantitativa, mas qualitativa. E do universo de matérias, para cada tema, foram escolhidos dois textos que representassem o pensamento ou assunto a ser tratado, poderiam se complementar ou contrastar entre si, mas que expusessem de forma clara a mensagem que o jornalista tinha a passar naquele momento.

3.1 Principais pautas da coluna Cena G

3.1.1 Entretenimento

Em relação ao entretenimento divulgado, a Coluna Cena G mostra que duas temáticas podem se apresentar concomitantemente. No texto publicado em 4 de outubro, com o título “Toda maneira de amar vale a pena” (ANEXO 1), o jornalista mescla a crítica a uma novela com sua visão do casal homoafetivo que faz parte do folhetim. Em um texto otimista, é realizada a comparação entre a situação do país em relação aos LGBTI+ e o que se apresenta no enredo de “Malhação – Vidas Brasileiras”, novela destinada aos adolescentes. O título é sugestivo e a veiculação da matéria já demonstra que o discurso será direcionado para personagens específicos e a sua visibilidade em emissoras de televisão.

Ainda que do lado de cá da tela passemos por dias dos mais atribulados para as minorias sexuais, com ameaças reais a direitos conquistados na última década, o que se vê na teledramaturgia brasileira contemporânea é um período dos mais promissores. (ANEXO 1)

Maranhão expõe sua posição sobre como a teledramaturgia brasileira está trazendo em seus enredos o universo LGBTI+ em horários em que as produções podem ser assistidas por todas as idades.

Ao descrever como o tema está sendo tratado, destaca a sensibilidade aplicada ao texto da história de Michael e Santiago em *Malhação – Vidas Brasileiras*, não somente pelo fato de tratar a relação homoafetiva, mas como eles se descobrem e principalmente todas as diferenças de comportamento que os dois apresentam, sendo improvável, que ambos sentissem atração um pelo outro, e também destaca a descoberta da orientação sexual.

Mas a história está sendo contada com tanta delicadeza, os atores e diretores estão conduzindo a trama com tanto cuidado, que além de verossimilhança ('Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?', como canta o poeta) o romance do casal ganhou uma grande torcida – na ficção, onde os amigos de ambos ajudam na costura do romance, e na chamada vida real, onde os telespectadores vibram com a história. (ANEXO 1)

No texto, Maranhão enfatiza que, pela sensibilidade como é tratado o assunto, existe a torcida real (telespectadores) e fictícia (personagens) para que o casal consiga superar as adversidades e ter um final feliz.

Só de imaginar o quanto é importante e necessária esta visibilidade para a diversidade sexual, ainda mais entre os adolescentes, público-alvo da novela, a iniciativa há de ser muito celebrada. Tenho certeza que a abordagem inclusiva e respeitosa que o romance entre os garotos está recebendo ajudou muita gente a se entender e se aceitar, além de entender e aceitar o outro. (ANEXO 1)

No encerramento do texto sobre a novela, novamente o jornalista enfatiza a necessidade da visibilidade positiva para a diversidade sexual, expondo que a abordagem de forma séria e delicada contribui efetivamente para que pessoas possam entender e aceitar as diferentes questões de sexualidade e gênero.

Na matéria “Todos os caios do mundo” (ANEXO 2) de 19 de julho, faz uma justa homenagem ao escritor Caio Fernando Abreu pelo lançamento de “Contos Completos” que reúne seis volumes, em formato de prosa. Com poucas matérias sobre lançamentos de livros (ANEXO 2), esta se tornou uma homenagem ao escritor e também um referencial sobre a cultura LGBTI+, já que um dos contos foi a Lenda das Jaciras, publicada pela Revista Sui Generis como homenagem póstuma ao autor (ANEXO 2). É perceptível o entusiasmo do jornalista ao descrever o trabalho do escritor, quando a apresentação de um discurso aparentemente de divulgação de uma coletânea, transforma-se em admiração.

Entre estes últimos está o sensacional A lenda das Jaciras, publicado postumamente e em primeira mão na icônica revista Sui Generis. Foi este conto, aliás, a inspiração declarada para uma das edições mais comentadas da Cena G em seus quase 13 anos de existência: a crônica Retrato 3X4 (“Uma possibilidade de segmentação tribal dos frequentadores da noite gay alencarina”), coincidentemente publicada em julho de 2011. (ANEXO 2)

Caio Fernando de Abreu (1948-1996) precisa ser entendido aqui não apenas como um autor que representa a literatura contemporânea, mas também a sua importância para os estudos *queer* no país, sua contribuição para a temática da homossexualidade (CAYANN; ALÓS, 2018). A matéria é encerrada com a seguinte expressão: “Voltando ao grande mestre Caio Fernando, Contos Completos já está em pré-venda [...] E nem precisa dizer que vale cada centavo!”, sendo que seu discurso, tem implícito, o que Caio Fernando Abreu representa para o universo LGBTI+.

3.1.2 Combate ao preconceito

A matéria escolhida para análise poderia ser considerada semelhante a (Toda maneira de amar vale a pena) que trata de análise de uma novela, mas apesar de falar de personagens e não de pessoas, no texto “Com açúcar, com afeto (e muito orgulho e ousadia)” (ANEXO 3), de 30 de agosto, o autor parece estar mais à vontade para discorrer sobre o assunto, como o próprio enunciado pode constatar:

Impossível não torcer pelo casal Luccino (Juliano Laham) e Otávio (Pedro Henrique Müller) na novela Orgulho e Paixão [...]. A história de amor entre os dois rapazes, em uma trama de época que acontece no início do século passado, vem roubando a cena e conquistando telespectadores. (ANEXO 3)

Ao iniciar a descrição da temática da novela, Maranhão busca justificar que o romance está em destaque e que aos poucos conquista os telespectadores, principalmente por ser ambientada no início do século XX.

Maranhão destaca que o “romance homoafetivo” é tratado nos folhetins aos quais ele dispensa um espaço em sua coluna Cena G, sempre pontuando que a abordagem é realizada com delicadeza e respeito pelos autores, independente da trama e como a história é conduzida. Neste caso, ele explica também como foi a construção dos personagens e seu envolvimento:

Bernstein optou por, em vez de já apresentar os dois personagens com sexualidade definida, fazer do público companheiro de seus processos de descoberta, crises de identidade e, por fim, de aceitação. Para, só depois, perceberem-se apaixonados um pelo outro. (ANEXO 3)

E neste caso, ele entende que o público se tornou “cúmplice da história” quando faz entender que todo o processo de descoberta do amor homoafetivo pode ser acompanhado em sua evolução a cada capítulo. Tenta, assim, dar suporte para que o preconceito e a rejeição sejam minimizados e transformados em empatia. Pode se destacar que tanto o texto da matéria, quanto a narrativa da novela demonstram aspectos semelhantes em atrativos ao leitor da coluna e ao telespectador da novela. Normande (2014) explica que existem estratégias definidas para que estes narradores consigam controlar a atenção de quem os lê ou assiste, entre elas estão, “o suspense, curiosidade ou surpresa; o surgimento de efeitos emocionais que promovem empatia ou não com os personagens; e quais lições podem ser apreendidas” (p. 41).

Em seu texto, Maranhão (ANEXO 3) confirma tal sucesso quando relata que “A estratégia mostrou-se acertada e bem-sucedida, evitando que a trama fosse rejeitada de imediato por espectadores conservadores. E olhe que o autor fez opções arriscadas”. Entre elas, como Maranhão descreve “Um dos rapazes é um militar de carreira (situação que, mais de um século depois, segue difícil para homossexuais). O outro é mecânico numa oficina de carros” (ANEXO 3). Neste texto, o jornalista levanta a questão do fetiche, quando os personagens representam o militar com farda e o mecânico, geralmente com corpo escultural.

Como ferramenta para justificar e reforçar o conteúdo que se apresenta, no trecho final da matéria, há um destaque para os diálogos, construídos de forma impecável, com coragem na abordagem do tema, a progressiva proximidade física e a atuação dos atores que traz muita emoção. Na última frase, o jornalista repete, com outras palavras, o que já havia afirmado anteriormente para que expresse uma normalidade no romance: “Não é à toa que o casal conquistou os espectadores” e assim, reafirma o romance, evita trazer novas informações e apresenta um desfecho de “final feliz” para o texto. A divulgação de conquistas da população LGBTI+ também se torna uma forma de combater o preconceito. Em Número de candidaturas trans cresce 10 vezes no Brasil (ANEXO 4), de 27 de setembro, propõe que a ocupação de postos e cargos eletivos também pode ser almejada. Os números comprovam, foram 53 candidatos trans e travestis, número dez vezes maior que em 2014.

Esta visibilidade e representatividade tornaram-se necessárias porque, segundo Macrae (1990), desde os tempos de abertura política, fim da ditadura no Brasil, no início da última década do século XX, já se entendia que minorias não se referenciava ao caráter numérico, mas sim por causa das desvantagens sociais que se apresentavam para estes grupos, tornando-os subordinados dos grupos dominantes que aplicam uma discriminação sistemática impedindo-os de acessar o poder político-econômico não conseguindo assim construir a igualdade e ter respeitada a sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Maranhão informa que segundo a Antra⁶, os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Paraíba e Roraima não tiveram a candidatura de trans ou travestis. E ao final da matéria, esclarece que:

Não custa lembrar que este levantamento considera apenas as candidaturas de travestis, mulheres transexuais e homens trans. Candidatos gays e lésbicas cisgêneros, bem como simpatizantes e apoiadores da causa não entram na relação. (ANEXO 4)

Em agosto, vários grupos lançaram o Manifesto LGBTI+ Eleições 2018, que se uniram para que estas eleições fossem o início de um país mais democrático, inclusivo, igualitário, “com reconhecimento dos direitos e promoção de políticas públicas para população LGBTI+ e com pleno respeito à diversidade sexual e de gênero”. (MANIFESTO LGBTI+. 2018)

3.1.3 Cunho pedagógico

A utilização da Coluna Cena G para divulgar pesquisas, trazer conhecimento para seus leitores e divulgar a realidade da população em questão, pode ter como exemplo a matéria “Pesquisa revela como LGBTs (XYZ) se veem no mercado corporativo” de 28 de junho.

Recém-lançado, o relatório Out to Succeed: Realising the full potential of your LGBT+ talent (em tradução livre: Para progredir: Percebendo todo o potencial do seu talento LGBT) mostra uma lacuna entre o que os funcionários LGBT esperam de suas carreiras e o que os empregadores oferecem. (ANEXO 5)

6 Antra - Associação Nacional de Travestis e Transexuais - <https://antrabrasil.org/>

De acordo com o texto, a pesquisa é em nível mundial e traz revelações como a maioria dos funcionários se sentem confortáveis no trabalho, mas apresentam a ressalva de que os empregadores não promovem o incentivo ao crescimento ou evolução profissional destes. Com conteúdo direcionado para esclarecer sobre o assunto, Maranhão objetiva informar sobre a situação da população LGBTI+ em relação a sua vida profissional e assim, conscientizar sobre o assunto, conteúdo que pode ter forte impacto positivo em seus leitores.

O texto exemplifica bem as expectativas e conhecimento do local de trabalho e a possibilidade de os profissionais LGBTI+ serem ouvidos e poderem progredir em suas carreiras, em relação ao desenvolvimento humano no quadro em que parecia haver neste caso, uma estagnação. Há a demonstração desta necessidade em seu texto quando considera que “para ajudar os talentos LGBT a alcançarem todo o seu potencial, as organizações precisam implementar os programas certos e comunicá-los amplamente”.

Cada vez mais os indivíduos são capazes de captar informações e conteúdos simbólicos de fontes outras que não as pessoas com quem interagem diretamente no decurso de suas vidas cotidianas; cada vez mais eles têm acesso a um «conhecimento não-local» e que podem incorporar, de maneira reflexiva, em seus processos de reconstrução pessoal. A criação e a renovação das tradições são processos que se tornaram cada vez mais atrelados à troca simbólica mediada; as tradições não são necessariamente destruídas com o avanço sociedades modernas, mas perdem gradualmente seu lastro nas situações cotidianas. O desenvolvimento dos meios cria novos campos de ação e interação que envolvem diferentes formas de visualidade e nos quais as relações de poder podem alterar-se rapidamente, dramaticamente e tomando caminhos imprevisíveis. (THOMPSON, 2008, p. 20)

Na segunda matéria desta análise, também de cunho pedagógico, Graphic Novel aborda homossexualidade no futebol e outras notas (ANEXO 6), de 14 de junho, em que mostra a história de um famoso e talentoso jogador de futebol que decide assumir sua homossexualidade após perder o namorado de forma violenta. “O outro lado da bola”, mostra o universo preconceituoso e intolerante em que ainda vivemos”. Em sua narrativa, apresenta a sinopse da novela e resume “na trama, o protagonista Cris vê sua vida pessoal e sua carreira virar de ponta cabeça com a reação de colegas, patrocinadores e torcida. Acrescenta ainda que até 2018 não havia na história jogador de futebol que tenha assumido a sua orientação homossexual.

Os xingamentos usados no estádio, contra adversários e árbitros, sempre foram machistas e relacionados à homossexualidade, e considerados absolutamente normais e corriqueiros. As crianças aprendem a xingar nos estádios, com palavras sempre ligadas à homossexualidade. (ANEXO 6)

Neste entendimento, o texto que se apresenta é para divulgar uma obra ousada no sentido de entrar numa seara ainda repleta de tabus, como é informado, mas necessário também para abrir caminhos e derrubar preconceitos pelo conhecimento. A publicação de histórias como essas abrem caminhos para que as pessoas conheçam com mais detalhes o universo LGBTI+.

E percebe-se a importância de uma abordagem pedagógica nas matérias, quando o jornalista Emerson Maranhão mostra as reações dos leitores e a importância de se manter tão importante diálogo com eles e ao mesmo tempo romper os preconceitos da sociedade

Seria muito presunçoso que eu apontasse esta contribuição. O que posso dizer, sem correr o risco da imodéstia é que a coluna mostrou que era possível olhar para a diversidade sexual de igual para igual, e não apenas com o olhar de estranhamento habitual. Ainda que não diretamente, entendo que essa postura termina por ampliar seu raio de atuação e influencia, de alguma maneira, abordagens jornalísticas outras. (ANEXO 14)

3.1.4 LGBTI+fobia

Esta seção sobre LGBTI+fobia será desenvolvida de forma diferente das anteriores, uma vez que duas matérias serão comparadas pelo que representam no atual cenário em relação à população LGBTI+ no país, levando-se em conta mudanças ocorridas no período que antecedeu às eleições de 2018. As matérias serão reproduzidas em sua íntegra, com grifos nos pontos mais importantes e posterior análise.

Parada celebra Diversidade Sexual no Ceará - 07/06/2018

A 19ª Parada pela Diversidade Sexual do Ceará está confirmada para o próximo dia 24, na avenida Beira Mar. Com concentração marcada as 15 horas, em frente à Barraca do Joca, a Parada deste ano traz como tema “O genocídio continua! A luta é todo dia por Dandara¹, Marielle² e por todas!”.

Além de denunciar os alarmantes números de LGBTcídios no Brasil, o evento também celebrará os 40 anos do surgimento do movimento LGBT brasileiro, cujo marco inicial é a criação do grupo Somos, em São Paulo, em 1978.

“A Parada é a celebração do Orgulho LGBT e da vida de todas as pessoas LGBT, todas as vidas importam!”, reforça Chico Pedrosa, do

Grupo de Resistência Asa Branca (Grab), organizador da Parada pela Diversidade Sexual do Ceará desde sua primeira edição. (Grifos nossos)

A matéria em si traz um mix de informações e de lutas, denúncia contra a violência de LGBTI+ e mulheres e simultaneamente a comemoração pelos 40 anos do movimento LGBT brasileiro. A parada tem como objetivo celebrar a diversidade no Ceará, com data marcada para junho de 2018. Em primeiro lugar, é preciso ter noção sobre os dados de violência neste estado em relação aos LGBTI+. Apesar de não haver uma estatística precisa ou atualizada, sabe-se da gravidade da situação, geralmente provocada pela homofobia, conforme Martins discute a seguir:

Tem sido um conceito guarda-chuva, utilizado para descrever um variado leque de fenômenos sociais relacionados ao preconceito, à discriminação e à violência contra homossexuais. Na maior parte das vezes, os fenômenos da intolerância, do preconceito e da discriminação em relação a gays, lésbicas (lesbofobia) e transgêneros (transfobia) devem ser tratados não com terapia e antidepressivos, como no caso das demais fobias, mas sim com a punição legal e a educação. A homofobia também é responsável pelo preconceito e pela discriminação, por exemplo, no local de trabalho, na escola, na igreja, na rua, no posto de saúde e na falta de políticas públicas afirmativas que contemplem a comunidade. A homofobia também pode ser manifestada de inúmeras formas pela própria mídia. (FERDINANDO MARTINS, 2018, p. 35)

Em sua matéria, Maranhão destaca que há uma celebração da diversidade no Ceará, talvez, um momento em que os LGBTI+ possam confraternizar sem ter medo de serem vítimas de qualquer tipo de violência, estimulando a união e momentos de descontração.

“O tema desta edição é amplo, mas já vem sendo construído pela comunidade LGBT do Ceará há muito tempo. Desde o assassinato da Dandara, em março de 2017, vamos as ruas pedir por políticas públicas que enfrentem o LGBTcídio e LGBTfobia, que construam ações de resistência e que mudem a vida da população LGBT. Pedimos, também, medidas de segurança pública que garantam a nossa vida”, explica o coordenador de Política e Projetos do GRAB, Dario Bezerra. (19ª, 2018)

Assim, um texto que divulga um evento, que apresenta denúncias e comemorações, o autor busca dar visibilidade à comunidade LGBTI+ de forma positiva, apesar de os dados sobre a violência que a acomete serem alarmantes. O Manual de Comunicação LGBTI+, tem em sua abertura a seguinte afirmação: “A linguagem molda o pensamento e pode influenciar comportamentos, atitudes e

práticas” (Reis 2018, p. 9), mostrando que a importância da mensagem inserida em seu texto. Outra matéria sobre LGBT+fobia e que será alvo de uma análise mais profunda que agora segue é:

O que as urnas nos reservam? 18/10/2018 (ANEXO 8)

Não são poucos os riscos que a possibilidade da chegada ao poder da extrema direita no Brasil representa para a comunidade LGBT. Além da violência óbvia, alimentada pelo discurso de ódio de muitos de seus integrantes (agora mal disfarçado, mas antes explícito e desavergonhado), existem ameaças institucionais concretas. Mais que nunca, é necessário estar atento para o que realmente está em perigo.

Nos últimos 15 anos, o Brasil conquistou grandes avanços em direção ao pleno reconhecimento da cidadania de pessoas gays, lésbicas, bissexuais, trans e travestis. Desde a legalização do casamento civil entre pares do mesmo sexo, em 2013, até a autorização do uso de nome social por travestis e transexuais em documentos oficiais, como registros escolares e título de eleitor; passando pelo reconhecimento da dupla paternidade/maternidade para casais homoafetivos.

Também integra este pacote, a recente decisão do Supremo Tribunal Federal de reconhecer que pessoas trans podem alterar o nome e o sexo no registro civil sem que se submetam a cirurgia nem dependam de decisão judicial. E estes quatro casos são só alguns exemplos.

Não à toa, estas resoluções jurídicas vieram acompanhadas de certa compreensão maior da naturalidade da diversidade sexual, digamos assim. E esta compreensão tem se refletido diretamente na sociedade.

É possível constatá-la na popularização das paradas de celebração da diversidade sexual pelo País; na presença frequente de casais homoafetivos na teledramaturgia nacional em rede aberta; no sucesso de cantoras como Pablo Vittar e Liniker; na saída do armário de personalidades nacionais, como Daniela Mercury, Fernanda Gentil, Luiz Fernando Guimarães e Nanda Costa; no crescimento de eventos artísticos que debatem e festejam a diversidade sexual e de gênero, a exemplo do MixBrasil, do ForRainbow e do ReciFest. E até mesmo, por que não dizer na existência de espaços editoriais em grandes veículos de comunicação que tragam a temática como seu principal eixo e a abordem com respeito e naturalidade.

Para além desse recorte midiático, que guarda alguma distância simbólica do chamado “mundo real”, o processo de naturalização da diversidade sexual se dá também na seara política, com a compreensão da necessidade da instalação e manutenção de secretarias e coordenadorias responsáveis por traçar estratégias públicas específicas para esta parcela da população, como acontece atualmente no Ceará e em Fortaleza.

Por fim, esse desdobramento também acontece na rua, ao nosso lado. A sensação de normalidade diante da orientação sexual diversa se constata na quantidade de casais do mesmo sexo que andam de mãos dadas nos shopping centers e nas praças; nos blocos de Carnaval (fora de época ou não), no transbordamento do que antes era gueto no segmento de diversões e hoje tem fronteira fluída. Em síntese, na compreensão cotidiana que é possível a convivência respeitosa com as diferenças.

Obviamente, ainda não chegamos no nível de civilidade ideal. Mas este é um caminho em curso. **E é aqui que se coloca a questão. A depender do próximo grupo a ocupar o Palácio do Planalto, seguiremos ou interromperemos esta trajetória?**

Requerer direitos básicos, concedidos a qualquer cidadão heterossexual, será considerado um ato normal ou pressão por privilégios? A definição da família será restrita ao modelo heteronormativo ou seguirá sob a perspectiva diversa que temos legalmente hoje? **A visibilidade LGBT será tida como ameaça à ordem estabelecida, e conseqüentemente combatida, ou seguirá tendo sua aceitação como parte de nosso processo civilizatório?**

Em uma só frase: tentarão nos obrigar a uma violenta volta coletiva para o armário (num arremedo de “limpeza de gênero”) ou seguiremos com o direito a nossas liberdades individuais? (grifos nossos)

O medo expresso neste texto ocorre em razão de grupos de extrema-direita assumindo a vitória nas eleições no país. O autor, em seu artigo, destaca o retrocesso e, acima de tudo, expõe seus receios frente aos possíveis retrocessos que poderão acontecer no campo legal, mas também no social, aumentando assim a violência contra os LGBTI+.

Uma falácia inventada e divulgada por setores (ultra)conservadores e fundamentalistas sob o pretexto velado de negar a igualdade de direitos e o respeito às mulheres e às pessoas LGBTI+, alegando que “ideologia de gênero” induziria à destruição da família “tradicional”, à legalização da pedofilia, ao fim da “ordem natural” e das relações entre os gêneros, negando a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBTI+ comprovadas com dados oficiais e estudos científicos.

Na verdade, o que há são estudos de gênero que comprovam a inferiorização das mulheres e pessoas LGBTI+, inclusive com altos índices de homicídios. (REIS, 2018, p. 29)

Ao analisar dois textos com distância cronológica de quatro meses entre si, percebe-se que o tom inicialmente mais ameno do primeiro momento, apesar das denúncias, transforma-se, em seguida, em verdadeira preocupação com o resultado das eleições. O conteúdo apresenta palavras e expressões que enfatizam avanços obtidos pelo público LGBTI+ e em contrapartida os temores do que poderia vir com o futuro incerto após as eleições de 2018 no Brasil. Pode-se perceber que palavras-chave foram mencionadas várias vezes no texto de 581 palavras e 3.754 caracteres, como demonstrado no quadro a seguir:

Quadro: Palavras e expressões extraídas de “O que as urnas nos reservam?”

Palavra e/ou expressão	Quantidade
Aceitação	1
Alterar o nome e o sexo no registro civil	2
Ameaças/Ameaça à ordem estabelecida/ Perigo	3
Avanços	
Bissexuais	1
Casais homoafetivos/Casamento civil entre pares do mesmo sexo	2
Cidadania	
Combatida	1
Compreensão cotidiana	1
Comunidade LGBT / LGBT	2
Convivência respeitosa com as diferenças.	1
Crescimento de eventos artísticos que debatem e festejam a diversidade sexual / Popularização da paradas de celebração da diversidade sexual	2

Decisão judicial / Legalização	2
Direitos básicos	1
Discurso de ódio	1
Diversidade sexual	1
Documentos oficiais	1
Dupla paternidade/maternidade	1
Espaços editoriais	1
Extrema direita	1
Gays	1
Gueto	1
Lésbicas	1
Liberdades individuais	1
Limpeza de gênero	1
Modelo heteronormativo	1
Naturalidade	1
Nível de civilidade ideal	1
Nome social	1
Orientação sexual	1
Pessoas	1
Poder	1
Presença frequente de casais homoafetivos na teledramaturgia nacional	1
Processo de naturalização da diversidade sexual	1
Processo civilizatório	1
Recorte midiático	1
Respeito	1

Fonte: Autor.

3.1.4.1 Mensagem como tradução da realidade

Não são poucos os riscos que a possibilidade da chegada ao poder da extrema direita no Brasil representa para a comunidade LGBT. Além da violência óbvia, alimentada pelo discurso de ódio de muitos de seus integrantes (agora mal disfarçado, mas antes explícito e desavergonhado), existem ameaças institucionais concretas. Mais que nunca, é necessário estar atento para o que realmente está em perigo. (ANEXO 8)

De acordo com o texto da matéria analisada (ANEXO 8), a comunidade LGBTI+ está passando por uma fase em que seus problemas de aceitação por parte da sociedade podem aumentar, e a preocupação com os resultados das eleições no Brasil se tornaram concretas pelos rumos conservadores que tomaram no segundo semestre de 2018.

Na matéria “O que nos reservam as urnas?” é estabelecido um contraponto entre os avanços até então conquistados e o retrocesso que pode se estabelecer com a chegada ao poder de grupos contrários às liberdades individuais.

A partir do quadro de expressões e palavras utilizadas na matéria “O que nos reservam as urnas?” pode ser realizada uma sistematização dos assuntos que será demonstrada a seguir, em que se pode perceber claramente o modo como o

jornalista discute a tensão entre os avanços conquistados pela comunidade LGBT ao longo da história e as preocupações temores de retrocessos inaceitáveis.

Quadro: Palavras e expressões extraídas de “O que as urnas nos reservam?”

Avanços	Temores
Aceitação Avanços	Ameaças/Ameaça à ordem estabelecida Perigo
Alterar o nome e o sexo no registro civil	Convivência respeitosa com as diferenças
Casais homoafetivos Casamento civil entre pares do mesmo sexo	Discurso de ódio
Compreensão cotidiana	Extrema direita
Crescimento de eventos artísticos que debatem e festejam a diversidade sexual Popularização da paradas de celebração da diversidade sexual	Gueto
Dupla paternidade/ou maternidade	Liberdades individuais
Espaços editoriais	Limpeza de gênero
Nome social	Modelo heteronormativo
Presença frequente de casais homoafetivos na teledramaturgia nacional	Poder
Processo de naturalização da diversidade sexual	Respeito

Fonte: Autor.

A grande preocupação do jornalista é que os avanços até então conquistados com luta possam ser simplesmente desprezados e então se iniciar o retrocesso resultante de um projeto de governo. Sua ciência a respeito de que este espírito conservador sempre existiu está bem explicada, mas igualmente se destaca a constatação de que essa posição conservadora não tinha, até então, poder suficiente para se impor.

O que se percebe neste caso é que em relação aos temores, “ameaças a ordem estabelecida e discurso de ódio” foram citados várias vezes numa alusão ao empoderamento das pessoas de extrema-direita que, sendo partidárias do novo presidente, podem agora sair do “armário do politicamente correto” e mostrar sua verdadeira posição perante a diversidade.

Uma outra preocupação latente é de que a liberdade conquistada ao longo do tempo “Crescimento de eventos artísticos que debatem e festejam a diversidade sexual e popularização das paradas de celebração da diversidade sexual” sejam reprimidos a tal ponto que os LGBTI+ tenham que proteger em “guetos”.

A conquista, aparentemente simples que é poder se colocar “Nome social” no documento de identidade, tenha que se render ao “modelo heteronormativo” por questão apenas de preconceito. A esses exemplos se aliam o importante processo de

naturalização da diversidade sexual e liberdades individuais, conquistado a duras penas, para o retorno da falta de respeito em que se soma o desejo premente da limpeza de gênero.

3.1.4.2 Expressão do jornalista sobre os avanços conquistados para os LGBTI+

Nos últimos 15 anos, o Brasil conquistou grandes avanços em direção ao pleno reconhecimento da cidadania de pessoas gays, lésbicas, bissexuais, trans e travestis. Desde a legalização do casamento civil entre pares do mesmo sexo, em 2013, até a autorização do uso de nome social por travestis e transexuais em documentos oficiais, como registros escolares e título de eleitor; passando pelo reconhecimento da dupla paternidade/maternidade para casais homoafetivos. (ANEXO 8)

Citando os últimos 15 anos, o jornalista contextualiza os avanços legais, demonstrando que a legislação se adéqua às novas demandas e necessidades. Neste período, os legisladores entenderam as necessidades desta comunidade e construíram saídas legais compatíveis com transformações da realidade. Seu destaque aos pontos positivos mostra que os avanços foram significativos ao mesmo tempo em que demonstra que o possível retrocesso pode inclusive prejudicar processos diretamente vinculados à cidadania.

3.1.4.3 Reprodução da realidade e expectativa do futuro

Requerer direitos básicos, concedidos a qualquer cidadão heterossexual, será considerado um ato normal ou pressão por privilégios? A definição da família será restrita ao modelo heteronormativo ou seguirá sob a perspectiva diversa que temos legalmente hoje? A visibilidade LGBT será tida como ameaça à ordem estabelecida, e conseqüentemente combatida, ou seguirá tendo sua aceitação como parte de nosso processo civilizatório? Em uma só frase: tentarão nos obrigar a uma violenta volta coletiva para o armário (num arremedo de “limpeza de gênero”) ou seguiremos com o direito a nossas liberdades individuais? (ANEXO 8)

O questionamento, como forma de mostrar as preocupações com o futuro, podem no caso, trazer uma reflexão sobre o que realmente está sob ameaça. A necessidade de direitos básicos? Modelos heteronormativos tradicionais prevalecerão? A visibilidade LGBTI+ deve ser camuflada para atender estes padrões? Os guetos devem retornar e a eles a diversidade? Pelo questionamento pode se concluir que o jornalista vislumbra um futuro muito difícil para a comunidade LGBTI+

a partir da eleição de grupos conservadores e de extrema direita para governar o Brasil.

3.1.4.4 A possível normalidade entre as diferenças

Por fim, esse desdobramento também acontece na rua, ao nosso lado. A sensação de normalidade diante da orientação sexual diversa se constata na quantidade de casais do mesmo sexo que andam de mãos dadas nos shopping centers e nas praças; nos blocos de Carnaval (fora de época ou não), no transbordamento do que antes era gueto no segmento de diversões e hoje tem fronteira fluída. Em síntese, na compreensão cotidiana que é possível a convivência respeitosa com as diferenças. (ANEXO 8)

O jornalista apresenta a reação de normalidade perante a visibilidade da comunidade LGBTI+ como “sensação”, mas quem sente? No caso, os LGBTI+ que não percebem reações mais ostensivas? A conclusão coloca em cheque esta aceitação, já que ele afirma que é possível uma convivência harmoniosa entre as diferenças. Se trata como possibilidade é porque ainda resta muito a fazer para que essa visibilidade seja, de fato, algo harmonioso na sociedade.

3.1.4.5 Sociedade conservadora versus grupo LGBTI+

Por fim, o cerne de toda a questão, o que se tem nestas eleições é a emergente volta ao poder de um pensamento conservador, retrógrado e que declaradamente não aceita as diferenças.

Obviamente, ainda não chegamos no nível de civilidade ideal. Mas este é um caminho em curso. E é aqui que se coloca a questão. A depender do próximo grupo a ocupar o Palácio do Planalto, seguiremos ou interromperemos esta trajetória? (ANEXO 8)

Por isso entende-se que a necessidade do jornalista em sua coluna CENA G destacar nas duas matérias as dificuldades sociais que o grupo sofre, mas sempre enfatizar os avanços conquistados e a importância de que não venha o retrocesso.

Mesmo as matérias sendo redigidas em dois momentos distintos, a primeira, “Parada celebra Diversidade Sexual no Ceará” apesar da preocupação com a violência, ainda tinha motivos para comemorar avanços, já a segunda, “O que as

urnas nos reservam” estampa notadamente o receio da nova ordem política que irá se instalar no país e das perdas dos direitos que virão com ela.

Na transição da primeira matéria o autor divulga o evento e as conquistas, na segunda, dialoga, utilizando linguagem direta com seu interlocutor e revelando seus receios.

Em relação aos títulos das matérias, pode se notar que são o contraponto um do outro, enquanto o primeiro comemora a diversidade, o segundo remete ao medo do que pode vir no futuro. Socialmente, a primeira matéria não demonstra receio além do que já vinha sendo exposto e, na segunda, o autor se preocupa com mudanças radicais não somente nas leis ou ordem política do país, mas também na sociedade como um todo e com o aumento da violência contra as minorias.

Em tempo, como foi a reação em relação à coluna, o jornalista Emerson Maranhão fornece o seguinte depoimento,

Sim, houve forte reação de leitores conservadores tanto nos primeiros meses da coluna, quanto nos primeiros anos, à medida que ela foi ganhando mais visibilidade. A forte reação à coluna, inclusive, me fez acreditar que ela teria vida muito breve. Imaginei, a princípio, que não vingaria o primeiro ano. Estava errado, como mostram os 14 anos em que ela se mantém de pé. Credito essa longevidade ao respeito jornalístico e a seriedade que guiam a coluna ao longo de sua trajetória. Talvez por sabermos de nossa condição superexposta, os cuidados foram redobrados para não dar a mínima margem aos detratores. Mas é importante frisar que essa seriedade e respeito não implicaram, em nenhum momento, o recuo dos temas em que acreditamos, o abandono da leveza na abordagem e na linguagem, ou a dispensa da demonstração de “pintas” e “closes”. Desde seu nascimento até agora, às vésperas de seu debut, Cena G é gay com muito orgulho! E fora do armário! (ANEXO 14)

Percebe-se a mudança de conteúdo, de perspectiva, de preocupação em um período de pouco mais de quatro meses, resultado de fatores políticos e partidários que trouxeram ao país, um clima de instabilidade, preconceito, racismo, misoginia, xenofobia e outros prejuízos sociais que aparentemente estavam sendo superados pela nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, que teve como escopo a análise do conteúdo da CENA G, do jornalista Émerson Maranhão e a abordagem sobre a preocupação com o respeito e avanços da cidadania em relação à diversidade sexual em suas matérias. O período analisado compreendeu os meses de junho, julho, agosto, setembro e outubro de 2018, de onde foram selecionadas oito matérias que representaram o combate ao preconceito, o entretenimento, o cunho pedagógico e a LGBTI+fobia.

Com o embasamento realizado não somente em relação à história da imprensa LGBTI+ no Brasil, mas também esclarecimentos pertinentes sobre gênero, sexualidade e outras terminologias para que se pudesse imprimir maior entendimento nas análises que foram realizadas.

Em conclusão, pode-se afirmar que a Coluna CENA G tem importante papel na construção da visibilidade LGBTI+ de forma positiva e com defesa baseada em fatos ou opiniões com embasamento e texto com fluidez e de fácil entendimento. O jornalista não se limita a tratar apenas de assuntos menos comprometedores, como, por exemplo, quando expressa com clareza o seu medo com relação ao resultado das eleições.

O presente trabalho atingiu seus objetivos ao compreender que a Coluna Cena G consegue expressar de várias maneiras o mundo LGBTI+, está sempre divulgando as iniciativas sobre este público, mas procura também interagir com a realidade. De textos sobre literatura, as críticas sobre o momento político, a divulgação de vitórias para o público específico consegue dar visibilidade positiva ao assunto e promover reflexões pontuais para todos que entendem que o respeito ao ser humano deve ser de forma completa e sem preconceitos.

É preciso ir além, e assim percebe-se que a ousadia do jornalista Emerson Maranhão quando coloca que sua escolha para ser o titular da coluna e sua posterior aceitação tornou-se um desafio ao que estava instituído como “normal” até então, que aceitou o risco e com ele conseguiu resultados positivos para a temática LGBTI+.

Digamos que foi uma aposta. Tanto minha quanto da direção do jornal, que viu em mim o perfil apropriado para esta missão editorial, que nunca foi fácil, menos ainda em seus primórdios. Parece que acertamos, ambos. Mas sempre foi um risco muito grande, tanto para eles quanto para mim. (ANEXO 14)

Há que se estar sempre alerta para o tema, ainda em evolução, a Coluna Cena G estabelece um importante papel para o público LGBTI+, mas apesar de tempos de internet em que o acesso seja mundial, a pauta é regional, mas com certeza, pode ser utilizada como exemplo e estímulo para que outros comunicadores se posicionem e tragam a tona, em neologismo do jornalista, a “homonormatividade” baseada no conhecimento, respeito, legislação que protege, e por último e não menos importante, que a LGBTI+fobia seja desestimulada em todos os campos em que se apresenta.

Este trabalho, com toda a certeza não se encerra face à realidade LGBTI+ no país e como a imprensa especializada irá se comportar com as perspectivas sociais em relação a condição de como a homossexualidade ou as minorias serão tratadas a partir de 2019.

As perspectivas de mudanças podem alterar o que se tem de conhecimento até agora, as incertezas políticas podem trazer novos desafios para o universo LGBTI+ e a imprensa que apoia esta bandeira em relação aos desafios que enfrentará no futuro.

REFERÊNCIAS

19ª Parada pela Diversidade Sexual do Ceará denuncia assassinato de comunidade LGBT. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/06/19-parada-pela-diversidade-sexual-denuncia-genocidio-de-comunidade-lg.html>>. Acesso em: 30 set. 2018.

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2002. 71 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Edições 70, 1977.

BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008 (Primeiros Passos, n. 328).

CASASÚS, J. M. e LADEVÉZE, L. N. **Estilo y Géneros Periodísticos.** Barcelona: Ariel. 1991

DIREITO e Diversidade. São Paulo: Ministério Público do Estado de São Paulo, []. 60p. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/Direito_Diversidade.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

DOM – De Outro Modo 2007, Ano 1, Número 1. São Paulo: Peixes, dezembro de 2007.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. **Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira.** 2014. 275 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8585>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

FERDINANDO MARTINS (Rio de Janeiro) (Org.). **Manual de Comunicação LGBT.** Curitiba: Ajir, []. 52 p. 2018.

GLAAD. Media Reference Guide 2016. New York e Los Angeles, 2016. Disponível em: <<https://www.glaad.org/reference>>. Acesso em 30 set. 2018.

GONÇALVES, Gean Oliveira. **Voz da diversidade: os discursos da imprensa gay masculina no Brasil.** Revista Alterjor, São Paulo, v. 2, n. 2, p.1-12, dez. 2010.

GREEN, James. 2000, **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil no século XX.** São Paulo: Editora UNESP.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, ano 1, número zero, abr. 1978.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação.** In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 9, p.541-553, fev. 2001.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990

MANIFESTO LGBTI+ Eleições 2018. 2018. Disponível em: <<http://aliancagbti.org.br/2018/08/22/manifesto-lgbti-eleicoes-2018/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

MARANHÃO, Émerson. **Coluna Cena G.** 2018. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/colunas/cenag/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NONATO, Murillo Nascimento. **A imprensa gay no brasil: um reforço do comportamento heteronormativo e produção de corpos abjetos.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 1., 2013, Natal. Artigo. Natal: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013. p. 1 - 18.

NORMANDE, Naara Lima. **Estado da Artes das Narrativas Multimídias: Análise de Produções Premiadas e Casos Ilustrativos.** 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

O MINISTÉRIO Público e os direitos de LGBT: conceitos e legislação. Conceitos e legislação. Brasília: Mpf, 2017. 84 p. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/pfdc/midiateca/nossas_publicacoes/o-ministerio-publico-e-os-direitos-de-lgbt-2017>. Acesso em: 30 set. 2018.

PALÁCIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate.** In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (Org.). **Jornalismo Online.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003. p. 75-90.

PÉRET, Flavia. **Imprensa Gay no Brasil.** São Paulo: Publifolha, 2011.

PINHO, J.B. **Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação on-line.** São Paulo: Summus, 2003.

PRADO, Magaly, **Webjornalismo.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 2011.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+.** 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. **IMPRESSÕES DE IDENTIDADE: Histórias e Estórias da formação da imprensa gay no Brasil**. 2007. 124 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Estudo de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2007.

SANTOS, Joseylson Fagner dos; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Corpo e Sentimento: 46 anos de imprensa gay no Brasil**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. 2010, Caxias do Sul. Artigo. Caxias do Sul: Ucs, 2010. p. 1 - 11.

SOUSA, J. P. **As Notícias e os Seus Efeitos**. Coimbra: Minerva Editora. (2000)

SOUSA, J. P. **Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia**. Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2018.

THOMPSON, John B.. **A nova visibilidade**. Matrizes, [s.l.], v. 1, n. 2, p.15-38, abr. 2008. Tradução: Andrea Limberto.

VASCONCELOS, Antonio José Santos de et al. **Coluna Cena G e a visibilidade LGBTT na mídia, transformações produtivas e moleculares no espaço de desterritorialização**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 19., 2017, Fortaleza. Artigo. Fortaleza: Intercom, 2017. p. 1 - 10.

APÊNDICE 1 – QUADRO DE SELEÇÃO DE MATÉRIAS POR ABORDAGEM

Classificação	Título	Data	Link
Entretenimento	Emoji LGBT do Twitter	07/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/parada-celebra-diversidade-sexual-no-ceara.html
	As festas deste final de semana	07/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/parada-celebra-diversidade-sexual-no-ceara.html
	Olha o close!	14/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/graphic-novel-aborda-homossexualidade-no-futebol-e-outrs-notas.html
	Festas GLS do fim de semana em Fortaleza	14/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/graphic-novel-aborda-homossexualidade-no-futebol-e-outrs-notas.html
	Fimde – Boate Level	28/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/pesquisa-revela-como-lgbts-xyz-se-veem-no-mercado-corporativo.html
	Para se jogar nos embalos de sábado à noite	05/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/para-se-jogar-nos-embalos-de-sabado-a-noite.html
	Fimde – Boates	05/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/para-se-jogar-nos-embalos-de-sabado-a-noite.html
	Salve rainha!	05/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/para-se-jogar-nos-embalos-de-sabado-a-noite.html

Ele é show!	12/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/ele-e-show.html
Inferninho no For Rainbow	12/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/ele-e-show.html
Arraiá da Diversidade	12/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/ele-e-show.html
Coração de Hooker	12/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/ele-e-show.html
Todos os Caios do mundo	19/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/guia-vai-mapear-diversidade-nas-empresas-brasileiras.html
É lacre que você quer?	19/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/guia-vai-mapear-diversidade-nas-empresas-brasileiras.html
Giro G	19/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/guia-vai-mapear-diversidade-nas-empresas-brasileiras.html
Brasil na Gay Games 2018	19/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/guia-vai-mapear-diversidade-nas-empresas-brasileiras.html
Fimde - Boates	19/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/guia-vai-mapear-diversidade-nas-empresas-brasileiras.html
Crô está de volta	02/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/ai-que-delicia-que-delicia-ser-viado.html
Correndo atrás do trio	23/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/edital-financia-projetos-de-valorizacao-da-diversidade.html
Voltei, Recife!	23/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/edital-financia-projetos-de-valorizacao-da-diversidade.html

Fimde - Festas	23/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/edital-financia-projetos-de-valorizacao-da-diversidade.html
Fimde - Festas	30/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/com-acucar-com-afeto-e-muito-orgulho-e-ousadia.html
Hell & Heaven 10 anos	30/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/com-acucar-com-afeto-e-muito-orgulho-e-ousadia.html
As festas deste final de semana	06/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/as-festas-deste-final-de-semana.html
A volta das Travestidas	06/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/as-festas-deste-final-de-semana.html
R.I.P. Mauro Borges	06/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/as-festas-deste-final-de-semana.html
Lei Seca 2018	20/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/lei-seca-2018.html
Grind em grupo	27/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/numero-de-candidaturas-trans-cresce-10-vezes-no-brasil.html
Toda maneira de amar vale a pena	04/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/toda-maneira-de-amar-vale-a-pena.html
Ouçã essa!	04/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/toda-maneira-de-amar-vale-a-pena.html
Fimde - Festas	11/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/por-que-cantar-na-escuridao.html
Micaretã Salvador 2019	18/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/o-que-as-urnas-nos-reservam.html

	Fimde - festas	18/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/o-que-as-urnas-nos-reservam.html
Combate ao preconceito	Mais aliados	07/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/parada-celebra-diversidade-sexual-no-ceara.html
	Cuecas com orgulho	07/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/parada-celebra-diversidade-sexual-no-ceara.html
	Amor, I love you	07/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/parada-celebra-diversidade-sexual-no-ceara.html
	Ainda é pouco	14/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/graphic-novel-aborda-homossexualidade-no-futebol-e-outrs-notas.html
	Contagem regressiva	14/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/graphic-novel-aborda-homossexualidade-no-futebol-e-outrs-notas.html
	Ouçã essa!	14/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/graphic-novel-aborda-homossexualidade-no-futebol-e-outrs-notas.html
	Para vestir o orgulho	28/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/pesquisa-revela-como-lgbts-xyz-se-veem-no-mercado-corporativo.html
	Respire essa angústia	28/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/pesquisa-revela-como-lgbts-xyz-se-veem-no-mercado-corporativo.html
	Giro G	28/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/pesquisa-revela-como-lgbts-xyz-se-veem-no-mercado-corporativo.html
	Ouçã essa!	12/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/ele-e-show.html
	Guia vai mapear diversidade nas	19/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/guia-vai-mapear-diversidade-nas-empresas-brasileiras.html

empresas brasileiras		
A beleza da diferença	19/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/guia-vai-mapear-diversidade-nas-empresas-brasileiras.html
Ouçã essa!	02/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/ai-que-delicia-que-delicia-ser-viado.html
Fora do armário	02/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/ai-que-delicia-que-delicia-ser-viado.html
Edital financia projetos de valorização da diversidade	23/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/edital-financia-projetos-de-valorizacao-da-diversidade.html
Ouçã essa!	23/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/edital-financia-projetos-de-valorizacao-da-diversidade.html
Com açúcar, com afeto (e muito orgulho e ousadia)	30/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/com-acucar-com-afeto-e-muito-orgulho-e-ousadia.html
Top Model	30/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/com-acucar-com-afeto-e-muito-orgulho-e-ousadia.html
Futebol Friendly	30/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/com-acucar-com-afeto-e-muito-orgulho-e-ousadia.html
Diversidade e Resistência	30/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/com-acucar-com-afeto-e-muito-orgulho-e-ousadia.html

Corpo elétrico	06/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/as-festas-deste-final-de-semana.html
Ouçã essa!	06/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/as-festas-deste-final-de-semana.html
Ainda está pouco! 1 e 2	13/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/apenas-mais-uma-de-amor.html
Ouçã essa!	13/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/apenas-mais-uma-de-amor.html
Itaú e igualdade 1 e 2	20/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/lei-seca-2018.html
Respeito e inclusão 1 e 2	20/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/lei-seca-2018.html
Número de candidaturas trans cresce 10 vezes no Brasil	27/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/numero-de-candidaturas-trans-cresce-10-vezes-no-brasil.html
Casamento real 1 e 2	27/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/numero-de-candidaturas-trans-cresce-10-vezes-no-brasil.html
Uber trans 1 e 2	27/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/numero-de-candidaturas-trans-cresce-10-vezes-no-brasil.html
Viva a periferia	27/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/numero-de-candidaturas-trans-cresce-10-vezes-no-brasil.html

Cunho pedagógico	Observatório LGBT	07/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/parada-celebra-diversidade-sexual-no-ceara.html
	Graphic novel aborda homossexualidade no futebol e outras notas	14/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/graphic-novel-aborda-homossexualidade-no-futebol-e-outrs-notas.html
	Olhares trans	14/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/graphic-novel-aborda-homossexualidade-no-futebol-e-outrs-notas.html
	Um roteiro pela diversidade do festival	21/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/um-roteiro-pela-diversidade-do-festival.html
	Pesquisa revela como LGBTs (XYZ) se veem no mercado corporativo	28/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/pesquisa-revela-como-lgbts-xyz-se-veem-no-mercado-corporativo.html
	Cinema Queer	05/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/para-se-jogar-nos-embalos-de-sabado-a-noite.html
	Curta o gênero	05/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/para-se-jogar-nos-embalos-de-sabado-a-noite.html
	Ouçã essa!	19/07/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/07/guia-vai-mapear-diversidade-nas-empresas-brasileiras.html
	Homossexualidade e religião	02/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/ai-que-delicia-que-delicia-ser-viado.html

Barbitúricos alucinógenos	23/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/edital-financia-projetos-de-valorizacao-da-diversidade.html
Vidas Cruzadas	23/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/edital-financia-projetos-de-valorizacao-da-diversidade.html
Fé Católica	30/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/com-acucar-com-afeto-e-muito-orgulho-e-ousadia.html
Reta final	30/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/com-acucar-com-afeto-e-muito-orgulho-e-ousadia.html
Arco-íris	13/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/apenas-mais-uma-de-amor.html
Literatura Teen Gay	13/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/apenas-mais-uma-de-amor.html
Toda nudez será fotografada 1 e 2	27/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/numero-de-candidaturas-trans-cresce-10-vezes-no-brasil.html
Estudos da Homocultura	04/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/toda-maneira-de-amar-vale-a-pena.html
Turismo LGBT 1 e 2	04/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/toda-maneira-de-amar-vale-a-pena.html
Over the Rainbow 1 e 2	04/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/toda-maneira-de-amar-vale-a-pena.html
Editais LGBT + Orgulho	18/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/o-que-as-urnas-nos-reservam.html

LGBTI+fobia	Parada celebra Diversidade Sexual no Ceará	07/06/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/06/parada-celebra-diversidade-sexual-no-ceara.html
	"Ai que delícia, que delícia ser viado..."	02/08/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/08/ai-que-delicia-que-delicia-ser-viado.html
	Apenas mais uma de amor	13/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/apenas-mais-uma-de-amor.html
	Gay e cristão 1 e 2	20/09/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/09/lei-seca-2018.html
	Por que cantar na escuridão?	11/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/por-que-cantar-na-escuridao.html
	O que as urnas nos reservam?	18/10/2018	https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2018/10/o-que-as-urnas-nos-reservam.html

ANEXO 1 – MATÉRIAS COMPLETAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DO CONTEÚDO – ENTRETENIMENTO 1

Toda maneira de amar vale a pena

01:30 | 04/10/2018

Ainda que do lado de cá da tela passemos por dias dos mais atribulados para as minorias sexuais, com ameaças reais a direitos conquistados na última década, o que se vê na teledramaturgia brasileira contemporânea é um período dos mais promissores. Depois do romance entre os personagens Luccino (Juliano Laham) e Capitão Otávio (Pedro Henrique Müller) na novela *Orgulho e Paixão*, com direito ao primeiro beijo gay da história em uma telenovela das 18 horas, uma nova história de amor entre dois rapazes está emocionando os telespectadores da Rede Globo nos finais de tarde.

A novela teen *Malhação - Vidas Brasileiras*, escrita por Patrícia Moretzsohn, há uma semana está focada no romance entre Michael (Pedro Vinícius) e Santiago (Giovanni Dopico). O primeiro é uma 'Poc' pintosa e proudtobe, que adora lacrar, e que já foi ao colégio usando salto alto e vestindo saia. O segundo é um 'boy magya', jogador de futebol de salão, artilheiro do time da escola e que acaba de descobrir sua homossexualidade e ainda está em processo de auto-aceitação. Casal dos mais fofos, apesar de improvável, convenhamos.

Mas a história está sendo contada com tanta delicadeza, os atores e diretores estão conduzindo a trama com tanto cuidado, que além de verossimilhança ('Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?', como canta o poeta) o romance do casal ganhou uma grande torcida - na ficção, onde os amigos de ambos ajudam na costura do romance, e na chamada vida real, onde os telespectadores vibram com a história.

Em capítulo previsto para ir ao ar na tarde de ontem (depois do fechamento desta coluna, portanto) estava previsto que, depois de vários dias trocando cartas de amor anônimas, os dois apaixonados finalmente iriam se declarar um ao outro, e começariam a namorar, com demonstrações de afeto em público, inclusive!

Só de imaginar o quanto é importante e necessária esta visibilidade para a diversidade sexual, ainda mais entre os adolescentes, público-alvo da novela, a iniciativa há de ser muito celebrada. Tenho certeza que a abordagem inclusiva e

respeitosa que o romance entre os garotos está recebendo ajudou muita gente a se entender e se aceitar, além de entender e aceitar o outro.

ANEXO 2 – MATÉRIAS COMPLETAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DO CONTEÚDO – ENTRETENIMENTO 2

Todos os caios do mundo

01:30 | 19/07/2018

Na próxima quarta-feira, dia 25, chega às livrarias um dos mais aguardados lançamentos do ano. Trata-se de Contos Completos, que reúne a produção do escritor Caio Fernando Abreu neste formato de prosa, no período dos anos 1970 aos 1990. O volume agrega o conteúdo de seis títulos: Inventário do irremediável (1970), O ovo apunhalado (1975), Pedras de Calcutá (1977), Morangos mofados (1982), Os dragões não conhecem o paraíso (1988) e Ovelhas negras (1995), além de dez contos avulsos, sendo três deles inéditos em livro.

Entre estes últimos está o sensacional A lenda das Jaciras, publicado postumamente e em primeira mão na icônica revista Sui Generis. Foi este conto, aliás, a inspiração declarada para uma das edições mais comentadas da Cena G em seus quase 13 anos de existência: a crônica Retrato 3X4 (“Uma possibilidade de segmentação tribal dos frequentadores da noite gay alencarina”), coincidentemente publicada em julho de 2011.

Voltando ao grande mestre Caio Fernando, Contos Completos já está em pré-venda em diversas livrarias vituais (Amazon: <https://amzn.to/2Mwiwg2>, Livraria da Folha: <http://bit.ly/2yXDR0a>, Livraria da Travessa: <http://bit.ly/2tFRAnj>, Saraiva: <http://bit.ly/2IKGHMC> e Livraria Cultura: <http://bit.ly/2MyjZSZ>). O preço é R\$ 79,90. E nem precisa dizer que vale cada centavo!

ANEXO 3 – MATÉRIAS COMPLETAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DO CONTEÚDO – COMBATE AO PRECONCEITO 1

Com açúcar, com afeto (e muito orgulho e ousadia)

01:30 | 30/08/20182270

Impossível não torcer pelo casal Luccino (Juliano Laham) e Otávio (Pedro Henrique Müller) na novela *Orgulho e Paixão*, exibida pela TV Globo na faixa das 18 horas. A história de amor entre os dois rapazes, em uma trama de época que acontece no início do século passado, vem roubando a cena e conquistando telespectadores.

Tratado com delicadeza e respeito, o romance é um dos pontos altos da trama escrita por Marcos Bernstein. E boa parte deste sucesso deve-se à maneira como o autor conduziu a história. Bernstein optou por, em vez de já apresentar os dois personagens com sexualidade definida, fazer do público companheiro de seus processos de descoberta, crises de identidade e, por fim, de aceitação. Para, só depois, perceberem-se apaixonados um pelo outro.

A estratégia mostrou-se acertada e bem sucedida, evitando que a trama fosse rejeitada de imediato por espectadores conservadores. E olhe que o autor fez opções arriscadas. Um dos rapazes é um militar de carreira (situação que, mais de um século depois, segue difícil para homossexuais). O outro é mecânico numa oficina de carros.

Ambos moram numa pequena cidade do interior de São Paulo, o que dificulta, por óbvio e à época, que eles assumam publicamente sua relação amorosa. Mas eles já começam a contar com a aceitação de pessoas próximas, que se tornaram simpatizantes à sua história de amor.

Se por um lado, Bernstein amaciou o caminho desviando a atenção do público conservador, por outro sinalizou claramente ao público gay ao oferecer um par romântico formado por dois fetiches clássicos que habitam o imaginário do desejo homossexual (o militar fardado e o mecânico com corpo sarado).

Some-se a isso, os diálogos primorosos (e muito corajosos, ainda mais se levado em consideração o horário de exibição do folhetim), com que os dois falam de seu amor. E a proximidade física cada vez maior entre eles, com direito a iminência de um beijo na boca entre eles exibida na semana passada. Sem falar na atuação sensível e emocionante de Laham e Müller. Não é à toa que o casal conquistou os espectadores.

ANEXO 4 – MATÉRIAS COMPLETAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DO CONTEÚDO – COMBATE AO PRECONCEITO 2

Número de candidaturas trans cresce 10 vezes no Brasil

01:30 | 27/09/201818

Segundo levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), pelo menos 53 candidatos trans e travestis concorrem a cargos no Legislativo nestas eleições. O total é 10 vezes maior que o de 2014, quando apenas cinco candidaturas trans foram registradas.

O número inclui uma candidatura inédita ao Senado, por Minas Gerais (Duda Salabert, pelo PSOL); duas candidatas a deputada distrital pelo Distrito Federal; 17 candidaturas à Câmara Federal; e 33 a legislativos estaduais.

Ainda de acordo com o estudo da Antra, das 27 unidades federativas do Brasil, 20 têm candidaturas de trans e travestis, ficando de fora apenas os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Paraíba e Roraima.

São Paulo é o estado com maior número de candidaturas, 12, sendo oito para a Assembleia Legislativa e quatro para a Câmara Federal, entre estas últimas está a jogadora de vôlei Tiffany Abreu, que concorre pelo MDB. Em segundo lugar está o Rio de Janeiro, com nove candidaturas, sete para deputado estadual e duas para federal.

No Nordeste, Ceará e Pernambuco estão empatados na liderança, com três candidatas cada. Na eleição pernambucana, duas concorrem à Assembleia Legislativa (Joana Casotti, do PCdoB, e Robeyoncé Lima, do PSOL) e uma para deputada federal (Amanda Palha, do PCB).

Já no Ceará, segundo o mapeamento da Associação, são três as candidatas trans que disputam esta eleição, concorrendo a vagas na Câmara Federal: Andrea Rossati (PPS), Helena Vieira (PSOL) e Silvinha (PCdoB).

Não custa lembrar que este levantamento considera apenas as candidaturas de travestis, mulheres transexuais e homens trans. Candidatos gays e lésbicas cisgêneros, bem como simpatizantes e apoiadores da causa não entram na relação.

ANEXO 5 – MATÉRIAS COMPLETAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DO CONTEÚDO – CUNHO PEDAGÓGICO 1

Pesquisa revela como LGBTs (XYZ) se veem no mercado corporativo

01:30 | 28/06/2018

Recém-lançado, o relatório *Out to Succeed: Realising the full potential of your LGBT+ talent* (em tradução livre: *Para progredir: Percebendo todo o potencial do seu talento LGBT*) mostra uma lacuna entre o que os funcionários LGBT esperam de suas carreiras e o que os empregadores oferecem.

Baseado em uma pesquisa com 231 funcionários LGBT de diferentes países, realizada pela PwC em parceria com a Out Leadership, o estudo revela que cerca de 85% dos funcionários LGBT (XYZ) entrevistados afirmam se sentir confortáveis no trabalho. No entanto, a maior parte dos empregadores ainda não aproveita todas as possibilidades para incentivar o crescimento desses profissionais.

Todos os funcionários LGBT (XYZ) entrevistados disseram que a progressão na carreira é importante para eles. No entanto, apenas 29% das empresas entrevistadas possuem programas especificamente voltados para a retenção de talentos LGBT, e apenas 12% dos funcionários LGBT estão cientes de que tais programas existem na organização onde trabalham.

Enquanto quase 60% dos empregadores dizem que tomam medidas para garantir o desenvolvimento da carreira de pessoas LGBT, de modo que elas alcancem uma gerência sênior, por exemplo, apenas 43% dos funcionários acreditam que isso acontece.

De acordo com o estudo, para ajudar os talentos LGBT a alcançarem todo o seu potencial, as organizações precisam implementar os programas certos e comunicá-los amplamente. O déficit no apoio a esse público, segundo a pesquisa, é ainda maior pelo fato de poucos funcionários terem mentores LGBT (28%).

Quase todos os funcionários LGBT entrevistados (99%) citaram como fator importante a reputação da organização na hora de decidir onde trabalhar. Surpreendentemente, 43% dos empregadores não enxergam essa escolha como relevante quando o assunto é atração de talentos LGBT.

A inclusão LGBT eficiente pode também representar um diferencial competitivo. Cerca de 83% dos funcionários LGBT pesquisados acreditam que encontrar um apoio efetivo onde trabalham melhora o conceito da organização no mercado, ao ser reconhecida como um empregador inclusivo. Quase todos os empregadores ouvidos (96%) também concordam nesse ponto.

ANEXO 6 – MATÉRIAS COMPLETAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DO CONTEÚDO – CUNHO PEDAGÓGICO 2

Graphic novel aborda homossexualidade no futebol e outras notas

01:30 | 14/06/2018

BOLA FORA!

Um craque do futebol e ídolo da seleção resolve assumir sua homossexualidade depois do assassinato de um ex-namorado. Este é o pontapé inicial de *O outro lado da bola*, graphic novel que chega às livrarias este mês pela Record. Na trama, o protagonista Cris vê sua vida pessoal e sua carreira virarem de ponta cabeça com a reação de colegas, patrocinadores e torcida.

Parece impensável que, em pleno 2018, nunca um jogador de futebol no Brasil tenha dito abertamente que é homossexual. É aí que reside uma das maiores forças da narrativa de *O outro lado da bola*, que mostra o universo preconceituoso e intolerante em que ainda vivemos.

“Os xingamentos usados no estádio, contra adversários e árbitros, sempre foram machistas e relacionados à homossexualidade, e considerados absolutamente normais e corriqueiros. As crianças aprendem a xingar nos estádios, com palavras sempre ligadas à homossexualidade. Se hoje a sociedade recebe o tema de uma forma muito mais natural em diversas áreas profissionais, no futebol a situação parece estar décadas atrasada”, lamentam Alê Braga e Alvaro Campos, os autores da obra.

O outro lado da bola

Autores: Alê Braga e Alvaro Campos

Ilustrador: Jean Diaz

Páginas: 216

Preço: R\$ 54,90

Editora: Record

ANEXO 7 – MATÉRIAS COMPLETAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DO CONTEÚDO – LGBTI+FOBIA 1

Parada celebra Diversidade Sexual no Ceará

01:30 | 07/06/2018

A 19ª Parada pela Diversidade Sexual do Ceará está confirmada para o próximo dia 24, na avenida Beira Mar. Com concentração marcada as 15 horas, em frente à Barraca do Joca, a Parada deste ano traz como tema “O genocídio continua! A luta é todo dia por Dandara, Marielle e por todas!”.

Além de denunciar os alarmantes números de LGTBcídios no Brasil, o evento também celebrará os 40 anos do surgimento do movimento LGBT brasileiro, cujo marco inicial é a criação do grupo Somos, em São Paulo, em 1978.

“A Parada é a celebração do Orgulho LGBT e da vida de todas as pessoas LGBT, todas as vidas importam!”, reforça Chico Pedrosa, do Grupo de Resistência Asa Branca (Grab), organizador da Parada pela Diversidade Sexual do Ceará desde sua primeira edição.

ANEXO 8 – MATÉRIAS COMPLETAS UTILIZADAS ANÁLISE DO CONTEÚDO LGBTI+FOBIA 2

O que as urnas nos reservam?

ELEIÇÕES 2018

01:30 | 18/10/2018

Não são poucos os riscos que a possibilidade da chegada ao poder da extrema direita no Brasil representa para a comunidade LGBT. Além da violência óbvia, alimentada pelo discurso de ódio de muitos de seus integrantes (agora mal disfarçado, mas antes explícito e desavergonhado), existem ameaças institucionais concretas. Mais que nunca, é necessário estar atento para o que realmente está em perigo.

Nos últimos 15 anos, o Brasil conquistou grandes avanços em direção ao pleno reconhecimento da cidadania de pessoas gays, lésbicas, bissexuais, trans e travestis. Desde a legalização do casamento civil entre pares do mesmo sexo, em 2013, até a autorização do uso de nome social por travestis e transexuais em documentos oficiais, como registros escolares e título de eleitor; passando pelo reconhecimento da dupla paternidade/maternidade para casais homoafetivos.

Também integra este pacote, a recente decisão do Supremo Tribunal Federal de reconhecer que pessoas trans podem alterar o nome e o sexo no registro civil sem que se submetam a cirurgia nem dependam de decisão judicial. E estes quatro casos são só alguns exemplos.

Não à toa, estas resoluções jurídicas vieram acompanhadas de certa compreensão maior da naturalidade da diversidade sexual, digamos assim. E esta compreensão tem se refletido diretamente na sociedade.

É possível constatá-la na popularização das paradas de celebração da diversidade sexual pelo País; na presença frequente de casais homoafetivos na teledramaturgia nacional em rede aberta; no sucesso de cantoras como Pablo Vittar e Liniker; na saída do armário de personalidades nacionais, como Daniela Mercury, Fernanda Gentil, Luiz Fernando Guimarães e Nanda Costa; no crescimento de eventos artísticos que debatem e festejam a diversidade sexual e de gênero, a exemplo do MixBrasil, do ForRainbow e do ReciFest.

E até mesmo, por que não dizer, na existência de espaços editoriais em grandes veículos de comunicação que tragam a temática como seu principal eixo e a abordem com respeito e naturalidade.

Para além desse recorte midiático, que guarda alguma distância simbólica do chamado "mundo real", o processo de naturalização da diversidade sexual se dá também na seara política, com a compreensão da necessidade da instalação e manutenção de secretarias e coordenadorias responsáveis por traçar estratégias públicas específicas para esta parcela da população, como acontece atualmente no Ceará e em Fortaleza.

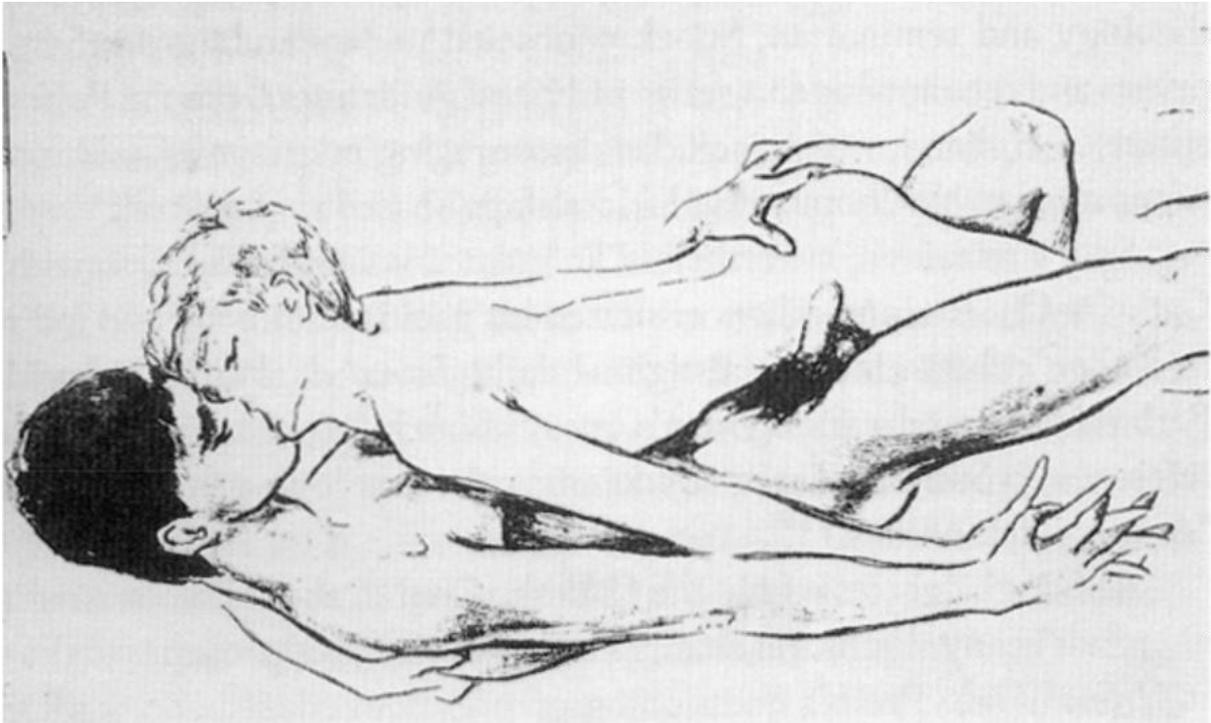
Por fim, esse desdobramento também acontece na rua, ao nosso lado. A sensação de normalidade diante da orientação sexual diversa se constata na quantidade de casais do mesmo sexo que andam de mãos dadas nos shopping centers e nas praças; nos blocos de Carnaval (fora de época ou não), no transbordamento do que antes era gueto no segmento de diversões e hoje tem fronteira fluída. Em síntese, na compreensão cotidiana que é possível a convivência respeitosa com as diferenças.

Obviamente, ainda não chegamos no nível de civilidade ideal. Mas este é um caminho em curso. E é aqui que se coloca a questão. A depender do próximo grupo a ocupar o Palácio do Planalto, seguiremos ou interromperemos esta trajetória?

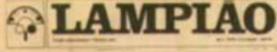
Requerer direitos básicos, concedidos a qualquer cidadão heterossexual, será considerado um ato normal ou pressão por privilégios? A definição da família será restrita ao modelo heteronormativo ou seguirá sob a perspectiva diversa que temos legalmente hoje? A visibilidade LGBT será tida como ameaça à ordem estabelecida, e conseqüentemente combatida, ou seguirá tendo sua aceitação como parte de nosso processo civilizatório?

Em uma só frase: tentarão nos obrigar a uma violenta volta coletiva para o armário (num arremedo de "limpeza de gênero") ou seguiremos com o direito a nossas liberdades individuais?

**ANEXO 9 - IMAGEM DE ILUSTRAÇÃO EM PÁGINA INTERNA REVISTA O SNOB
FONTE: FAC-SÍMILE - SNOB - ANO 1 - RIO DE JANEIRO - 1963**



ANEXO 10 - EXPEDIENTE E EDITORIAL DO LAMPIÃO
 FONTE: FAC-SÍMILE – ANO 1 – Nº 1 – RIO DE JANEIRO – 1978



Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.
Coordenador de edição: Aguinaldo Silva
Editores: Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Acosta, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata.
Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Iapohi Araújo, Billy Acioly, Luís Canabrava (Rio), José Pires Barrozo Filho, Paulo Augusto (Niterói), Amylton Almeida (Vitória), Glaúco Matoso (São Paulo), Gilmar de Carvalho (Fortaleza), Caio Fernando Abreu (Porto Alegre).
Arte: Ivan Joaquim, Mem de Sá
 LAMPÍAO é uma publicação de Lampião, Editora de Livros, Revistas e Jornais.
 Endereço: Caixa Postal 41031, ZC-00 (Santa Teresa), Rio de Janeiro - RJ

Saindo do Gueto

Brasil, marco de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional. em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou "compreensível", cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando — ao "assumir" — a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento.

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos adôrnados e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter.

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPÍAO não pretende solucar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.

A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema — do qual se tornam apenas "bobos da corte" —, declaram-se por ledo engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; o que LAMPÍAO reivindica em nome dessa minoria é não apenas **se assumir e ser aceito** — o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal.

Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados — dos negros, índios, mulheres, às minonas étnicas do Curdistão; abaixo os guetos e o sistema (distarcado) de párias.

Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta a vida de (possivelmente) milhões de pessoas.

Mostrando que o homossexual reusa para si e para as demais minonas a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais, que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem; que ele não é um eleito nem um maldito, e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter, LAMPÍAO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor — que a nossa preferência sexual possa interterir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos.

O Conselho Editorial

ANEXO 11 – DADOS SOBRE O JORNALISTA ÉMERSON MARANHÃO⁷

Émerson Afonso Santos Maranhão é jornalista e realizador audiovisual. Nasceu em Arapiraca, no agreste alagoano, onde mora sua família até hoje. É graduado em comunicação social, com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e formado em realização audiovisual pelo Instituto Dragão do Mar de Arte e indústria Audiovisual do Ceará. Atualmente está concluindo MBA em Marketing pelo centro Universitário Christus (UniChristus). Em sua trajetória profissional, suas principais conquistas estão:

Trabalhou como repórter da Gazeta de Alagoas e do O Jornal, e editor-adjunto de cidades da Tribuna de Alagoas.

Desde 1998 em Fortaleza, formou-se em cinema no Instituto Dragão do Mar, e ingressou no jornal O POVO, como repórter do Vida & Arte, caderno de cultura.

No Grupo de comunicação O POVO, foi repórter das editorias Fortaleza, Veículos, Políticas e Esportes. Foi editor de primeira página, editor-executivo do Núcleo de Variedades, Editor-executivo do Núcleo de Cultura e Entretenimento, editor da linha de revista Prime (People Luxo, Buchicho Moda e O POVO Frontstage), e editor de tendências.

Atualmente, é repórter especial, colunista e está à frente da realização audiovisual multiplataforma produzida pelo Núcleo de Reportagem Especial.

Desde outubro de 2005 escreve e edita a Cena G, uma coluna semanal com caráter informativo e reflexivo, voltada para o público LGBT, considerada a mais conceituada em jornais de grande circulação no Nordeste, e uma das pioneiras e mais longevas no país.

Assina a coluna TVPop, que analisa a teledramaturgia contemporânea.

Participou de grandes coberturas jornalísticas locais, nacionais e internacionais.

Foi agraciado com vários da Imprensa brasileira como o Prêmio Embratel, Prêmio Esso, Prêmio Ayrton Senna e Prêmio BNB de Jornalismo.

Também atuou como Coordenador de Comunicação Social do Instituto Dragão do Mar, editor-chefe do telejornal Jornal da Cidade, no Ceará; integrou a

⁷ Fonte: <http://agenciafortalezadenoticias.blogspot.com/2015/11/emerson-maranhao.html>

assessoria de imprensa do Cine Ceará, Festival IberoAmericano de Cinema; colaborador de diversas revistas publicadas no Ceará, como a Leis & Letras,

Ministrou palestras e seminários e participou de conferências em entidades como a Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade de Fortaleza (Unifor), Faculdade 7 de Setembro (Fa7), Centro Universitário Christus (UniChristus), Faculdade Fanor/DeVry e Fic Estácio de Sá, entre outras.

Na área audiovisual, integrou a equipe de produção do premiado curta-metragem No Passo da Veia; foi o produtor-executivo do documentário Imagem Peninsular de Ledo Ivo, dirigido por Werner Salles; e vencedor da primeira edição do DocTv em Alagoas; e assinou a produção-executiva dos vídeos Cobra engolindo Cobra, de Neíl Armstrong, e Cara ou Coroa, de Nilbio The.

Participou mostras competitivas, como o Cine Ceará, em Fortaleza, e o JVC TokioVideo Festival, no Japão, com o vídeo experimental Vão, que escreveu e dirigiu.

Integrou comissões de seleção de prêmios para roteiros de curta-metragens promovidos pelo Ministério da Cultura e pelo BNB. F; participou da diretoria da Associação Cearense de Cinema e Vídeo, da Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragens (ABD).

Coordenou o Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo. Participou da comissão de seleção da mostra competitiva de curta-metragens do 17º Cine Ceará e presidiu o júri da Mostra Competitiva do I For Rainbow, Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual, entre outras várias atividades.

ANEXO 12 - PÁGINA COMEMORATIVA DE 10 ANOS DA COLUNA CENA G

FONTE: CLIPPING DO JORNALISTA ÉMERSON MARANHÃO

8

VIDA&arte **guia**

FORTALEZA - CE, SEXTA-FEIRA - 2 DE OUTUBRO DE 2015
O POVO

CENA G

10 ANOS

POR ÉMERSON MARANHÃO
emerson@povo.com.br



california
THERMAS CLUB

Rua Bárbara de Alencar, 424 - Centro - +55 85 3226.6556
www.californiathermas.com.br

DEPOIMENTOS

“Para nós da revista Viág, a coluna **Cena G** é um marco no jornalismo nacional. Poucas publicações tiveram a coragem e visão vanguardista de abrir espaço para se discutir de maneira clara e adulta os assuntos relevantes para a comunidade LGBT. O incrível trabalho desenvolvido pelo jornalista Emerson Maranhão, com o apoio do jornal **O POVO**, tem desmistificado o segmento GLS, ajudando a diminuir o preconceito e combatendo a intolerância. Parabéns a **Cena G**, desejamos muito sucesso!”

ALEX BERNARDES, Diretor Comercial da revista Viág

“A **Cena G** começou um pouco antes da inauguração do Dragão Health Club. Iniciamos nosso negócio com um pequeno anúncio na **Cena G**. Hoje temos reconhecimento internacional e a **Cena G** de um pequeno espaço se transformou numa página inteira, graças à qualidade, seriedade e descrição que o público espera de uma coluna e de um jornal sério. **Cena G** é uma das colunas mais importantes do **O POVO**. Espero que as organizações reconheçam o nicho que a **Cena G** representa em termos de mercado e de inclusão social. Parabéns!”

CARLOS AUGUSTO MARINO, Dragão Health Club

“Para mim, que moro em São Paulo, a **Cena G** é a minha conexão semanal com o que ocorre na cultura, no entretenimento e no ativismo gay de Fortaleza. A coluna é uma conquista da comunidade LGBT não só do Ceará como do Brasil, pois trata-se de um espaço arquivado em um dos mais destacados jornais do País. **O POVO** sendo exemplo do compromisso do bom jornalismo com a diversidade e os direitos humanos!”

WELTON TRINDADE, jornalista e publisher da Casa Editora, especializada em guias turísticos gays

“**Cena G** 10 ANOS... Adorot! Na atual conjuntura, claramente observamos um fortalecimento do conservadorismo mundial. No Brasil, no Ceará e em Fortaleza não é diferente, pois temos bancadas fundamentalistas que a todo momento tentam retroceder, retirando direitos conquistados com muita luta. Assim, **Cena G** configura-se como um espaço SÓLIDO, que de maneira leve e inteligente garante abordar e dar visibilidade aos temas do Movimento LGBT. Seus artigos, crônicas nos levam sempre a momentos de reflexão. Ah! E nos deixa amados da agência cultural LGBT... Todot!”

HENRIQUE BEVONCÉ, Themas California

ASSIM SE PASSARAM 10 anos

O cineasta **Walter Salles** (*Central do Brasil* e *Diários de Motocicleta*) costuma dizer que o caminho é mais importante que o destino. Lembrei desta frase ao esboçar um resgate da trajetória da **Cena G** para celebrar sua primeira década de existência. Hoje, nem parece tão longe o dia 7 de outubro de 2005, quando a coluna estreou, anunciando uma festa na boate Kiss e a despedida de Saick Sansarah, nas vésperas de sua partida para a Europa.

Além destas dicas do primeiro *Se Joguei*, **Cena G** decarava torcida pelo par romântico Zeuca e Junior, na novela *América*, e falava dos avanços do casamento gay pelo mundo e no Brasil.

Nos dez anos que separam a edição pioneira desta que você tem agora em mãos, **Cena G** desenhou uma trajetória digna de orgulho. Antes de mais nada, vingou, estabeleceu-se. O que por si só já é grande feito. Além disso, tornou-se e manteve-se relevante, consolidou-se como referência de informação de qualidade em nível nacional, conquistou credibilidade tanto no mercado GLS quanto no movimento LGBT e conseguiu a graça de se equilibrar, num salto 15, entre a militância e a feição.

Muitas foram as pautas, os debates, as histórias que passaram pelas páginas de **Cena G** ao longo desta década. Mas uma, em especial, a meu ver, resume seu propósito e valida sua existência.

Há dois anos conheci um rapaz, cue devia ter uns 20 anos de idade, criado no Maciço do Baturité, recém-chegado em Fortaleza. Ao ser informado que era eu o responsável pela **Cena G**, emocionou-se. “Quando eu era adolescente no interior, tinha muito medo de me aceitar homossexual, porque diziam que eu nunca seria feliz, nunca teria família nem amor. Quando descobri a coluna, vi que havia um mundo possível para mim, vi que tinha direito à felicidade, sim, a um amor de verdade, mesmo sendo gay. Muito obrigado pelo que você fez por mim”. Precisa dizer mais?

• **Em tempo**, as comemorações dos 10 anos de **Cena G** começam nesta edição e seguem nas próximas. Já na semana que vem, estreia uma série especial do Anderson Laura, nosso mascote, sobre o aniversário da coluna. E continuam os depoimentos de militantes, políticos e empresários sobre a sua importância. Até lá!



E VAI ROLAR A FESTA

Para comemorar sua primeira década de existência, **Cena G** gama festa especial hoje, dentro da programação do 9º For Rainbow - Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual. A festa começa por volta das 21h30min, na Arena do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, logo após a exibição do longa *Enquanto você não via*, da diretora Catherine Stewart. No comando das pick-ups, os DJs Thalles Walker e Thiago Costa. A comemoração é ao ar livre e é só chegar e se juntar. Espero vocês por lá!

DE TUDO UM POUCO

Informação oficial e em primeira mão. Os sócios da boate San Sebastian receberam a proposta de abrir uma franquia em Fortaleza e estudam algumas opções. Se ser certa, será a terceira casa do grupo, que já opera no mercado GLS de Salvador (BA) e Recife (PE).

Também em primeira mão, o Hell & Heaven, um dos maiores festivais de música eletrônica destinado ao público GLS no Brasil está de casa nova. Depois de seis anos na Bahia, a edição 2016 será no Vila Galé Cumbuco, aqui no Ceará.

Não por acaso, Fortaleza se é a primeira a cidade a receber a nova label party da H&H Entretenimento: *From Hell to Heaven*. A festa começa com *Sunset às 16hs* do domingo da próxima semana, no Beach Club Vojno Praia, e vai até as 8hs da manhã de segunda (12). No *line-up*, o DJ espanhol Rafa Madrid, os residentes do Hell & Heaven e DJ Lokavik.



“Há dez anos nascia a **Cena G**. Seu pai, o visionário e brilhante Emerson Maranhão, conseguia captar uma necessidade pungente, e convencer parceiros a concretizá-la. Impossível não constatar e considerar sua relevância à causa, à moda, à cultura e ao entretenimento. Nós do Music Box Club nos alegramos em acompanhar o nascimento e evolução e, celebrando juntos este aniversário, parabenizamos à coluna e ao querido Emerson pelo empreendedorismo em criar este espaço de reinvidicação, luta, informação e apoio. **VIVA CENA G. VIVA EMERSON!**”

ALUISIO NETO, Music Box Club

“No começo não acreditei, que o Ceará estava ganhando uma coluna voltada para o público LGBT num jornal de grande circulação no estado. Achei sensacional! Um grande presente, um avanço para nós do segmento. Informação de maneira direta e bem escrita. Parabéns, Emerson Maranhão, pelos 10 anos de **Cena G** e orgulgado por ter acreditado e contribuído com informação de excelente qualidade para o público LGBT Cearense”.

LECO LIMA, boate Lancelot

DEPOIMENTOS

“A coluna **Cena G** comemora uma década e temos que comemorar muito a sua existência. Pensar nessa coluna 10 anos atrás, no Ceará, com foco nos LGBTs era imaginar que seria impossível de sobreviver. Para nossa sorte e felicidade sobreviveu, ajudou e ajuda a formar opiniões positivas sobre a comunidade LGBT e a contribuir no processo de diminuição do preconceito. Parabéns ao Grupo de Comunicação **O POVO** e ao jornalista Emerson Maranhão, nas coberturas de grandes destaques e temas nacionais e internacionais!”

AUGUSTO ROSSI, diretor de Marketing do grupo Disponível.com

“Quem viveu tempos sombrios de uma liberdade incompleta sabe muito bem valorizar a luz que a informação pode trazer, e junto com ela, todos os avanços que vivemos a partir dessa iluminação. Hoje, a **Cena G** completa mais que 10 anos de existência. Completa dez anos de desmistificação dos LGBTs, dez anos contra o preconceito, dez anos de política e voz forte por meio da comunicação séria. Dez anos de Emerson Maranhão como um grande nome do movimento gay no mundo”

PAULO DÍGONES, vereador e líder do PSD na Câmara Municipal de Fortaleza

“Mais prazeroso do que ser convidado para dar esse depoimento, é poder ler semanalmente, aqui de São Paulo, na coluna de Emerson Maranhão o que de fato é relevante para a cena LGBT nordestina e nacional. Tive o prazer de conhecê-lo por meio de amigos comuns há mais de cinco anos e, desde então, acompanho sua coluna semanal aqui no **O POVO**, me mantendo muito bem informado sobre as novidades do que acontece na cena gay. Parabéns pelos 10 anos de **Cena G**, Emerson, e que você continue trazendo, por muitos outros, informação com imparcialidade”

AIRTON BOTELHO, empresário e diretor-chefe do site Vosado

“Considero a coluna **Cena G** um espaço fundamental que contribui para a formação de opinião em prol da liberdade, dos direitos LGBT e da cidadania, e é um excelente roteiro do entretenimento GLS e as expressões das culturas LGBT em Fortaleza. Além disso, após os avanços, denuncia retrocessos e estimula a militância contra o preconceito e as discriminações, em nível local e nacional. Traz sempre também novidades do que rola pelo mundo afora. Parabéns e vida longa à coluna **Cena G!**”

CHICO PEDROSA, militante LGBT e pres. do Grupo de Resistência Asa Branca (Grab)

VERÔNICA GUEDES, diretora executiva do For Rainbow

ANEXO 13 – TRANSCRIÇÃO DO EXPEDIENTE E EDITORIAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978)

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva

Editores: Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Acosta, João Antônio Mascarenhas e Gaspar Damata.

Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Iapohi Araújo, Billy Aciolly, Luís Canabrava (Rio); José Pires Barrozo Filho, Paulo Augusto (Niterói), Amylton Almeida (Vitória); Glauco Matoso (São Paulo), Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Caio Fernando Abreu (Porto Alegre).

Arte: Ivan Joaquim, Mem de Sá

LAMPIÃO é uma publicação de Lampião, Editora de Livros, Revistas e Jornais.

Endereço: Caixa Postal 41031, ZC 08 (Santa Teresa), Rio de Janeiro - RJ

Saindo do Gueto

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou "compreensível", cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando - ao "assumir" - a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento.

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais

amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter.

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende soluçar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.

A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema - do qual se tornam apenas "bobos da corte" -, declaram-se por ledor engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas **se assumir e ser aceito** - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal.

Para isso estaremos mensalmente em 'todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias.

Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas.

Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais, que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizam, que ele não é um eleito nem um maldito; e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter, LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor - que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos.

ANEXO 14 – ENTREVISTA ÉMERSON SOBRE A COLUNA CENA G – JUNHO DE 2019 (E-MAIL)

1 - Sobre a coluna Cena G, qual foram os objetivos que te levaram a criar a coluna?

Cena G foi criada em 2005 como um espaço editorial específico para abordagem direta de assuntos relativos à homossexualidade. Seu diferencial, já na primeira edição, foi o uso de uma perspectiva inclusiva e não de um olhar externo para o tema. Ou seja, **Cena G** já nasce como uma coluna escrita por gays para o público gay. Só lembrando que, à época, não se usava a sigla LGBTQI+. Inclusive quando a coluna começou a circular a sigla oficial da militância pela causa ainda era GLBT e GLS era a sigla corrente para sinalizar o mercado destinado a essa parcela de consumidores. Voltando ao objetivo da criação da coluna, a ideia era estabelecer um canal de comunicação, em nível local, que tanto informasse quanto debatesse questões da homossexualidade, a partir de um olhar “homonormalizador”, digamos assim. Explico, nas páginas da **Cena G**, a homossexualidade era (e é) tratada sob a perspectiva do ordinário, não do extraordinário comum na imprensa nacional da época.

A homossexualidade é abordada dentro da normalidade, e não como algo fora de padrão. Esta abordagem editorial, inclusive, surpreendeu muito uma parcela considerável dos leitores, inclusive os simpáticos à causa, dado o seu ineditismo.

2 - Por que o jornal disponibilizou esse espaço e como foi o processo?

Definitivamente, eram outros os tempos nos primeiros anos da **Cena G**. Apesar da maioria dos direitos para pessoas LGBT ainda serem um sonho distante e motivo de luta cotidiana, havia um clima muito maior de respeito e tolerância na sociedade. Tanto que são da mesma época colunas congêneres em alguns dos maiores jornais do País, como na Folha de S. Paulo (escrita por André Fischer e Vange Leonel) e no O Globo (escrita pelo Ronald Villardo, salvo engano). Apesar de diferentes na forma, as três colunas partiam da mesma premissa e tinham postura editorial similar. Isso tudo para dizer que não houve resistência da direção do jornal à proposta. Aliás, a publicação da coluna só foi possível porque bancada pela direção da casa, que viu na iniciativa uma oportunidade.

Há outro indício forte de que existia uma grande demanda por este tipo de serviço editorial de nicho. A segunda metade da primeira década dos 2000 viu surgir no Brasil um forte mercado editorial de revistas voltadas para o público homossexual. E, assim como era com a **Cena G**, principalmente o público homossexual masculino. São desta época as revistas Junior e DOM (De Outro Modo), ambas lançada em 2007, e Aimé, lançada em 2008, e posteriormente a H Magazine (2012), direcionada para “gays maduros”. É necessário ressaltar que estas publicações não tinham conteúdo sexual explícito nem nudez. Eram revistas de circulação nacional, com conteúdo editorial, tanto analítico quanto informativo.

Historicamente, é possível traçar um paralelo entre estes quatro títulos, a coluna e a revista Sui Generis, lançada em 1994, e uma das mais fortes influências na gênese editorial da Cena G e no espírito pretendido desde cedo para a coluna.

Em tempo, e a título de registro, também surge nesta época a Via G, revista de turismo voltada para o público gay. É a única que sobrevive em edição física até hoje.

3 - Ocorreu reações dos leitores no início ou durante sua trajetória com a coluna em uma região com poucos veículos votados ao público LGBTI+?

Sim, houve forte reação de leitores conservadores tanto nos primeiros meses da coluna, quanto nos primeiros anos, à medida que ela foi ganhando mais visibilidade. A forte reação à coluna, inclusive, me fez acreditar que ela teria vida muito breve. Imaginei, a princípio, que não vingaria o primeiro ano. Estava errado, como mostram os 14 anos em que ela se mantém de pé. Credito essa longevidade ao respeito jornalístico e a seriedade que guiam a coluna ao longo de sua trajetória. Talvez por sabermos de nossa condição superexposta, os cuidados foram redobrados para não dar a mínima margem aos detratores. Mas é importante frisar que essa seriedade e respeito não implicaram, em nenhum momento, o recuo dos temas em que acreditamos, o abandono da leveza na abordagem e na linguagem, ou a dispensa da demonstração de “pintas” e “closes”. Desde seu nascimento até agora, às vésperas de seu debut, **Cena G** é gay com muito orgulho! E fora do armário!

4 - Qual a contribuição percebida para o jornalismo com a coluna?

Seria muito presunçoso que eu apontasse esta contribuição. O que posso dizer, sem correr o risco da imodéstia é que a coluna mostrou que era possível olhar para a diversidade sexual de igual para igual, e não apenas com o olhar de estranhamento habitual. Ainda que não diretamente, entendo que essa postura termina por ampliar seu raio de atuação e influencia, de alguma maneira, abordagens jornalísticas outras.

5 - Porque foi você o escolhido para essa iniciativa?

Digamos que foi uma aposta. Tanto minha quanto da direção do jornal, que viu em mim o perfil apropriado para esta missão editorial, que nunca foi fácil, menos ainda em seus primórdios. Parece que acertamos, ambos. Mas sempre foi um risco muito grande, tanto para eles quanto para mim.

6 - Você vê como mudança significativa no jornalismo local o serviço prestado pela Cena G? Que Feedback recebeu no decorrer desses 15 anos de coluna?

Prefiro não responder a esta questão. Que outros apontem os serviços prestados pela Cena G, se existirem.

7 - Gostaria de compartilhar algo a mais sobre o assunto?

;)).